

Efeitos psicossociais do racismo

Aula na Disciplina:
Intercultura e raça-etnia

Carlos Vinicius Gomes Melo

Pós-Doutorado em Psicologia Social pela USP

Bolsista FAPESP



20.10.2020
São Paulo/SP

Formação Acadêmica

- Graduado em Psicologia - Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública;
- Formação em Abordagem Centrada na Pessoa – Instituto Diabasis;
- Especialização em Psicoterapia Analítica – Instituto Junguiano da Bahia;
- Especialização em Saúde Coletiva e Sociedade – Instituto Brasileiro de Pesquisa e Extensão;
- Mestrado em Psicologia Social – Universidade Federal da Bahia (UFBA);
- Doutorado de Psicologia Social – Universidade de São Paulo (USP).

Sumário

- Atuações da psicologia nas relações étnico-raciais
 - CRPBA
 - ANPSINEP
- Racismo
- Reconhecimento social (Honneth, 2015)
- Efeitos psicossociais
 - Preconceito
 - Discriminação
 - Humilhação social

Algumas Atuações

- *Conselheiro na atual gestão do Conselho Regional de Psicologia – Bahia (2010-16),*
 - *GT Psicologia e Relações Raciais,*
 - *Comissão de Direitos Humanos;*
- *Membro da Coordenação Nacional da Articulação Nacional de Psicólogas/os Negras/os e Pesquisadores sobre Relações Raciais – ANPSINEP (2012-2016; 2019-20),*
 - *Representante da Região Nordeste;*
- Coordenador Acadêmico da *SIT Study Abroad (2015-16) ,*
 - Programa "Public Health, Race and Human Rights" (Saúde Pública, Raça e Direitos Humanos);
- Conselheiro no Conselho Municipal de Comunidades Negras (2012-2016),
 - Comitê Técnico do Selo da Diversidade Étnico-Racial da cidade de Salvador;

Outras Atuações

- *Psicoterapeuta ;*
- *Docente na Faculdade Maurício de Nassau (SSA/BA),
 - *Disciplina ‘Psicologia em Saúde’;**
- *Pesquisador-técnico de saúde mental no Projeto de Prevenção do Uso Abusivo de Drogas em Ambientes Escolares, Aliança de Redução de Danos Fátima Cavalcante (ARDFC), Faculdade de Medicina da Bahia/UFBA;*
- *Técnico social do CRAS Rural no município de Boa Vista do Tupím (BA).*

Quebra-gelo

VAMOS AO QUESTIONÁRIO!

<https://forms.gle/orKJhSe4WL93FfWFA>

Aula sobre os efeitos psicossociais do racismo

Disciplina de Intercultura e raça-etnia - Graduação de Psicologia USP

Dr. Carlos Vinicius Gomes Melo

21/10/2020

Próxima

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este formulário foi criado em Universidade de São Paulo. [Denunciar abuso](#)

Google Formulários



Conselho Regional
de Psicologia

3ª REGIÃO - BA

Voltemos ao questionário!



Articulação Nacional
de Psicólogas(os) Negras(os)
e Pesquisadoras(es)

Conselho Regional de Psicologia - Bahia

- Instância mediadora entre o exercício profissional e a sociedade
 - Objetivo: Garantir a qualidade dos serviços prestados

“Organização jurídica de direito público, criada por lei, descentralizada funcionalmente do estado para o desempenho de atribuições estatais próprias e específicas (categoria de profissional de Psicologia), com autonomia patrimonial, administrativa e financeira, destituída de autonomia política”;

- **Regulamentar, fiscalizar, disciplinar e *orientar* o exercício da profissão de psicóloga(o);**
 - Comissão de Fiscalização,
 - Comissão de Ética,
 - Comissão de Direitos Humanos (GT's).

Conselho Regional de Psicologia – Bahia

- Estagiário do CREPOP - Centro de Referência Técnico de Psicologia e Políticas Públicas (2008)
 - Pesquisas:
 - Atuação do psicólogo na educação inclusiva;
 - Atuação do psicólogo na política de enfrentamento à violência contra a mulher;
 - Atuação do psicólogo na atenção básica de saúde.
- Coordenação do GT Psicologia e Relações Raciais (2010)
- Conselheiro da XIII e XIV Plenário (gestão 2010-13 e 2013-16)
 - Coordenação da Comissão de Direitos Humanos

GT PSICOLOGIA E RELAÇÕES RACIAS NO CRP - BAHIA

- Produção e praticas temáticas raciais ainda bastante tímida, apesar de já termos algumas referências
 - campo de saber, tem grande contribuição dando visibilidade a promoção dos Direitos Humanos
- GT Psicologia e Relações Raciais
 - Criação em 2007;

Objetivo maior:

Atua na sensibilização de profissionais e estudantes de Psicologia para a importância da discussão sobre a temática racial em suas práticas, principalmente em relação às dimensões subjetiva e sócio-históricas do racismo no Brasil. O grupo discute as conseqüências causadoras de sofrimento psíquico, que advêm dos contextos de preconceito e discriminação racial existentes na sociedade, além de debater e colaborar na implementação de estratégias que possam subsidiar a categoria em sua atuação e divulgar as produções da Psicologia no campo das relações raciais para o público e sociedade (Resolução CFP – 018/2002).

PRÁTICAS PSICOLÓGICAS E ETNICIDADES

DIFERENTES POSSIBILIDADES DE TRABALHAR AS RELAÇÕES RACIAIS NA PSICOLOGIA

25 de Agosto de 2011 19h Auditório Do CRP-03

ARTICULADORES: **Educação:** Victor Pimentel – Psicólogo CRP03/6149 –
FUNDAC **Pesquisa:** Marília Soares – Psicóloga CRP03/2253 – Mestranda
do CEAO/UFBA **Segurança Pública:** Robson Souza – SGT PM BA – Mestre
em Psicologia/Faculdade RUY BARBOSA

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES: 71 3332-6168 | eventos@crp03.org.br
www.crp03.org.br



Comissão de Direitos Humanos
GT Psicologia e Relações Raciais

PSICOLOGIA E POPULAÇÃO INDÍGENA: INTER-RELAÇÕES COM A ASSISTÊNCIA SOCIAL, SAÚDE E EDUCAÇÃO

Onde: Porto Seguro-BA

Quando: 16 de Setembro de 2011

Horário: 13:00

Local: Salão da Igreja Nossa Senhora do Brasil. End.: Av. Portugal, s/nº,
Centro (ao lado do Shopping Rio Mar), Porto Seguro-BA

Público Alvo: Psicólogas(os), Professoras(es), Estudantes e demais
Profissionais da Assistência Social, Saúde e Educação



Apoio da Superintendência de Assuntos dos Povos Indígenas - Porto Seguro

Realização:



Conselho Regional
de Psicologia
3ª REGIÃO - BA

Comissão de
Interiorização

Comissão de
Direitos Humanos

Grupo de Trabalho
Psicologia e
Relações Raciais


CREPOP

Informações e inscrições:

(73) 9949-1849

(73) 9127-3493

www.crp03.org.br

Psicologia e Povos Indígenas no CRP-03



Formação da Identidade Indígena na Atualidade

**03 de setembro de
2009, às 18h30min**

Entrada franca

LOCAL: Conselho Regional
de Psicologia da 3ª Região
(CRP-03) - Rua Prof.
Aristides Novis, 27, Federação (BA)



Acesse: www.crp03.org.br

Mesas redondas

Mesa 1: Caminhos para uma melhor sobrevivência da cultura indígena.

Palestrante: Koran-Indígena da etnia Xucuru Kariri de Alagoas, Líder e Xamã da sua tribo. Uma das principais divulgadoras da cultura Xucuru Kariri.

Mesa 2: Ser índio na atualidade.

Palestrante: Maria Hilda Paraíso - socióloga (UFBA-1971), mestre em Ciências Sociais (UFBA-1983) e doutora em História Social (USP-1998). Professora Associada II da UFBA, atua principalmente nos temas história e etnologia indígena, antropologia e relações interétnicas. Coordenou o Programa de Pós-Graduação em História da UFBA.

Mesa 3: Recomendações na aproximação da Psicologia aos Povos Indígenas

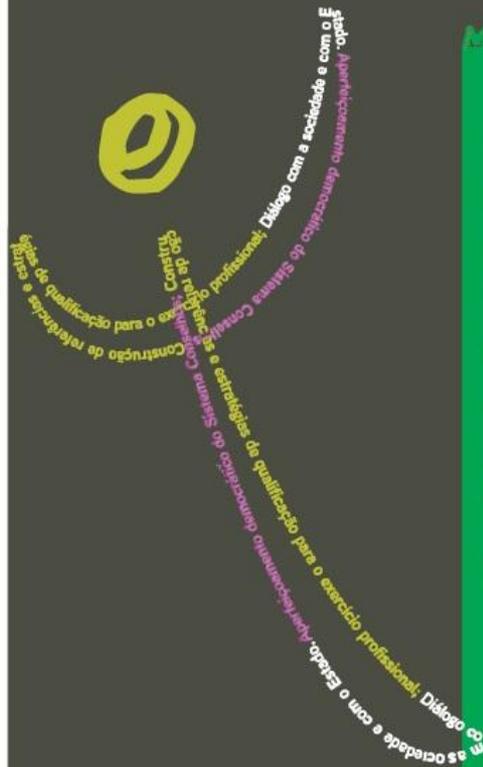
Palestrante: Lumena Celi Teixeira - psicóloga (USP-1983), licenciada em Educação (USP-1983), especialista em Saúde Mental (Fiocruz -1996), mestre em Psi. Social (PUC/SP -2001). Co-fundadora e Coordenadora de Projetos do Centro Camará de Pesquisa e Apoio à Infância e Adolescência em São Vicente, SP, Supervisora de estágio e professora da UNIP. É conselheira do CRP/SP e coordenadora do GT Psicologia e Povos Indígenas.

Informações e inscrições: gtprr@crp03.org.br / [71] 3247-6716
Realização: GT de Psicologia e Relações Raciais



Psicologia na Consciência Negra

10 de novembro,
3ª-feira, às 18h30min
na Sede do CRP-03



METAS-REDONDAS

I: Racismo em interface com o sexismo.

Palestrante: Valdecir Nascimento
(Superintendente de Políticas Públicas para a Mulher (SEPROMI))

II: "A Peleja do Diabo com o Dono do Céu: Enfrentamento do povo de santo ante a Intolerância Religiosa"
Palestrante: Valter Da Mata
(Conselheiro e Vice-presidente do CRP-03)

III: Racismo e Sofrimento Psíquico.
Palestrante: Maria Lúcia da Silva
(Psicoterapeuta e Coordenadora do Instituto AMMA Pique e Negritude)

Este evento é um espaço de
indicação de proposta para o:

VII
Congresso
nacional
da psicologia

Entrada Franca!

Inscrições abertas

inscricaoeventos@crp03.org.br

Informações: gtpr@crp03.org.br

Evento Preparatório do PSINEP (I Encontro Nacional de Psicólogos(as) Negros(as) e Pesquisadores(as) sobre Relações Interraciais e Subjetividade no Brasil).



Imagem: In loco Photo

Dia: 16 de setembro de 2010

Horário: 19h

Local: CRP-03

Mesa Redonda:

"As relações históricas do racismo e as teorias racistas na Psicologia"

Palestrante: Valter da Mata - CRP03

"O desafio das(os) psicólogas(os) nas pesquisas acadêmicas sobre relações raciais"

Palestrante: Vilma Reis - CEAfro



Realização:



Organização:

Comissão de Direitos Humanos

Grupo de Trabalho Psicologia e Relações Raciais

Inscrições:

inscricaoeventos@crp03.org.br

Informações:

Tel. (71) 3332-6168 / 3247-6716

Endereço: Rua Aristides Novis, 27 - Federação.

LANÇAMENTO

GUIA DE REFERÊNCIAS

PSICOLOGIA E RELAÇÕES RACIAIS

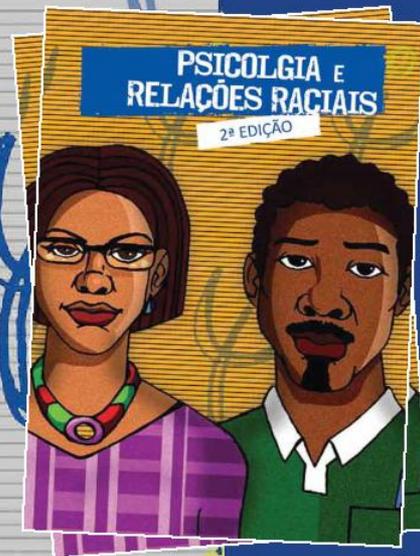
2ª EDIÇÃO

Data: 12 de maio de 2011 (quinta-feira)

Horário: 19h

Local: Centro de Convenções da Bahia

Além de sua presença, contamos com:



- **Ailton Ferreira** - Secretário Municipal de Reparação (SEMUR)
Tema: A importância das políticas públicas de reparação
- **Maria de Jesus Moura** (CRP 02/4617) - Psicóloga e Coordenadora do Observatório Negro
Tema: A temática das relações raciais na psicologia
- **Tarry Pereira** - Coordenadora pedagógica do Instituto Cultural Steve Biko
Tema: Possíveis contribuições da "Cartilha" nos projetos pedagógicos do Instituto Cultural Steve Biko.

O lançamento do Guia será durante a programação do 7º Congresso Norte-Nordeste de Psicologia (CONPSI).



Conselho Regional
de Psicologia

3ª REGIÃO - BA

Comissão de Direitos Humanos
GT Psicologia e Relações Raciais

Mais informações:

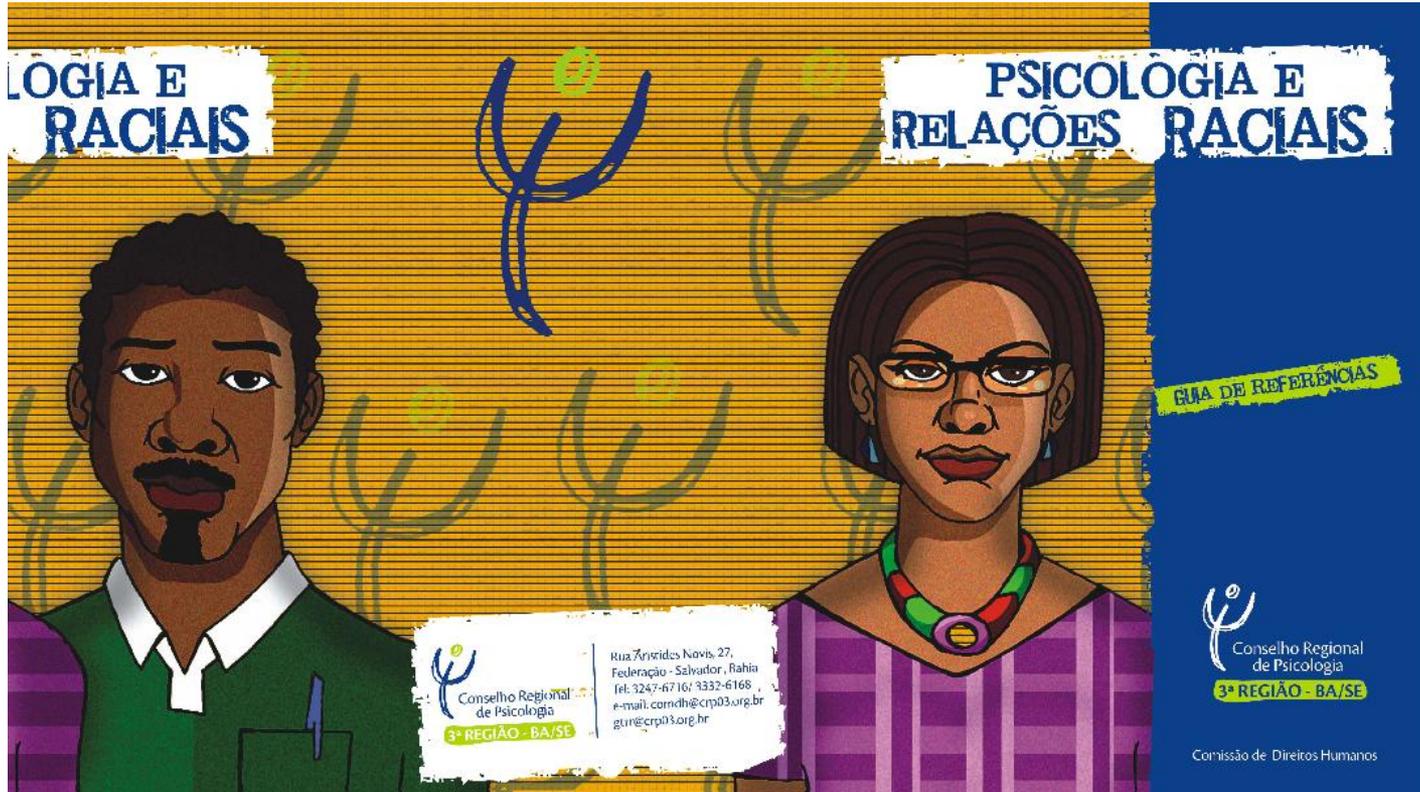
(71) 3247-6716 / 3332-6168

comdh@crp03.org.br

gtpr@crp03.org.br

www.crp03.org.br

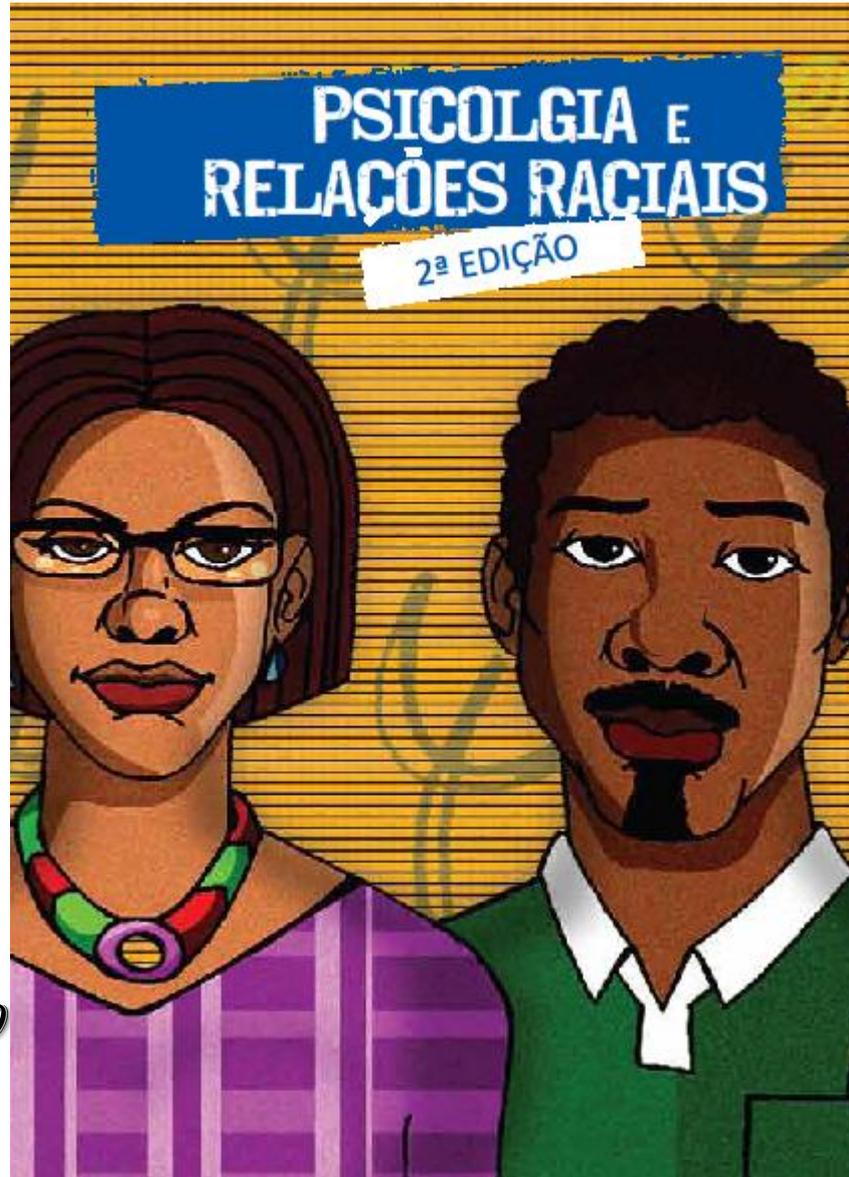
1ª Edição



Lançamento: agosto de 2008

Atuação Profissional

2ª Edição



Lançamento:

NOVEMBRO DE 2010

54 páginas

Livros

Artigos

TCC

Dissertações

Teses

Documentos

Leituras compl.

Sites

Publicações Online

Filmes

Museus

Bibliotecas

Atuação Profissional

Relações Raciais e Políticas Públicas: Estratégias de Atuação Profissional



Imagem: Cláudia Ferrara

Dia: 25 de novembro de 2010

Horário: 19h

Local: CRP-03

Este é um evento em
comemoração ao:

Mês da
Consciência
Negra

Mesa Redonda com:

Otávio Mendes - psicólogo do CRAS São Bartolomeu,
Salvador - BA.

Altair Lira - Bacharelado em Antropologia da Saúde
pela UFBA e coordenador de Promoção de Equidades
da Secretaria de Saúde do Estado da Bahia (SESAB).

Realização:



Site: www.crp03.org.br

Organização:

Comissão de Direitos Humanos
Grupo de Trabalho Psicologia e
Relações Raciais

Informações:

Telefones:
(71) 3332-6168
(71) 3247-6716

Inscrições:

Email: eventos@crp03.org.br

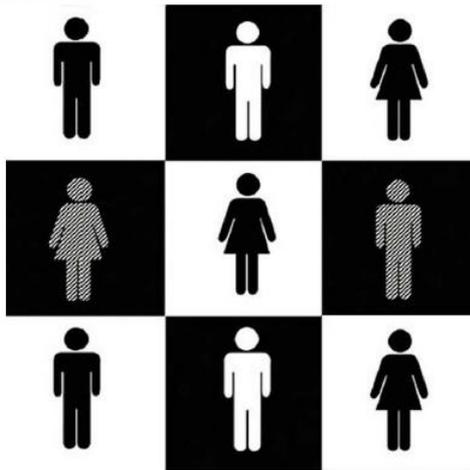
Publicação no Jornal CRP03

Ano 04 - Edição nº 07 | janeiro/março 2012

12 Artigo

Racismo nas práticas Psi's

CARLOS VINÍCIUS GOMES MELO*



Tematizar relações raciais nas produções científico-psicológicas é colocar a importância máxima da Psicologia e de seus profissionais se apropriarem e compreenderem que o racismo, assim como qualquer outro tipo de preconceito, segregação ou discriminação produz como consequência o agravamento do sofrimento e a exclusão no nível mental. O intuito é de que a Psicologia possa contribuir na busca de saídas mais efetivas para a redução dos efeitos desses atos no saúde mental desses indivíduos.

Cabe a nós, enquanto categoria burocrática sempre a interdisciplinaridade para evidenciar as dimensões subjetivas e socio-históricas do racismo no Brasil, discutindo essas consequências causadoras de sofrimento psíquico e identitário, além de elaborar e colaborar na implementação de estratégias que possam subsidiar, nas suas diferentes atuações, na superação dos sofrimentos, preconceitos e discriminações no campo das relações raciais, incidindo o mito de democracia racial e as justificativas naturalistas de injunções sociais.

Entender que a Psicologia trabalha e como trabalho o conceito de raça no Brasil é imprescindível para compreender o seu atual silêncio e falta de visão dialética profissionais para perceber o preconceito e discriminação racial enquanto fator de promoção de humilhação e sofrimento psíquico.

A análise do processo histórico de construção dos sujeitos psicológicos e psicológicos, no Brasil, se encontra em tensão por se tratar de uma ciência que nasceu em um contexto de dominação cultural de um povo branco europeu e de uma sociedade marcada por uma ideologia de dominação que justificava a inferiorização racial dos negros. As produções científico-psicológicas a partir de então foram marcadas pelo viés da produção das noções de raça e classe social.¹

A Psicologia brasileira possui um histórico de produção de conhecimentos voltados para o controle, a legitimação, a diferenciação e a categorização estigmatizadas de um

destinado para as avaliações e ações de trabalhos provenientes da Psicologia do Trabalho (Organização, política, negociação, desenvolvimento, trabalho).

Então, por que historicar como o sujeito negro foi visto pelos produtores de idéias, inclusive as céticas e a noção Psicologia?

Enquanto linhas teóricas da Psicologia Social, considero fundamental discutirmos relações etno-raciais sob diferentes perspectivas. Dentro algumas, por exemplo, temos: 1) a perspectiva epistemológica da cognição social, que nos permite compreender os processos básicos que estruturam e são estruturados cognitivamente as relações socio-raciais, baseadas nos agrupamentos: sobre Preconceito, Estereótipo, Exotismo, Altruísmo, Coerção, Teorias Implícitas, Intencionalidade, etc.; 2) além disso, temos também o entendimento através da Teoria das Representações Sociais que passa por uma perspectiva psicanalítica sobre os processos de construção do pensamento social carregado sempre um sentido de função simbólica na interação entre cognição, afeto e ação; e 3) ainda aqui, não menos importante, o debate no ponto de vista da epistemologia socio-histórica, para podermos compreender a natureza das relações raciais num nível de complexidade analítica tanto no dimensão histórica e social do passado: assim como na conjuntura do presente. Historicar os paradigmas vigentes significa impor movimentos críticos de elaboração e superação, para podermos tratar de uma construção no plano epistemológico ao mesmo tempo em que se mobiliza variáveis no âmbito da prática para alinhar o pensamento teórico e a ação. É aí, quando nos aprofundamos nestes planejos epistemológicos da História da Psicologia perpetua a nossa realidade racial brasileira, nos deparamos com uma dimensão até então esquecida da nossa história profissional. A Psicologia, já enquanto saberes científicos, também como manifestações dessa realidade que é a desigualdade socio-racial.

A importância da apropriação da perspectiva socio-histórica está numa análise histórica, quando colocamos a importância da história e memória nesse processo de problematizar questões do passado, afirmando que o indivíduo que lembra está sempre inserido e habitado por grupos de referência em atributos estabelecidos, não somente físicos, mas também e principalmente afetivos, ao qual identifica no passado o seu presente. Assim também nessa perspectiva, a análise histórica reflete e expressa o fato de que a Psicologia como ciência trata essencialmente de questões subjetivas, levando em conta a transformação social. Nos enquanto psicólogos e psicólogas precisamos tomar no papel de sujeitos epistêmicos, sempre pensando, criando e transformando também o meio em que vivemos. E dentro dessa apropriação, precisamos tomar como nosso objeto de estudo e trabalho as noções de "diversidade" e "subjetividade". Nos como "sujeitos de um suposto saber" precisamos valorizar a diversidade, sendo necessário aceitar os sujeitos em suas diferenças, como também valorizar as diferentes formas de compreender esses sujeitos. Fundamental damos valor a subjetividade, acolhendo as diferenças dos indivíduos, populações e culturas, posicionando-nos criticamente diante dos processos de padronização em uma "igualdade genética e acadêmica", na medida em que as práticas psicológicas adaptadas são parte das estratégias de controle que sustentam essa padronização.

Nosso avanço maior enquanto categoria profissional frente às relações étnico-raciais foi a Resolução do CFP nº 18 de 2002, que estabeleceu, além psicólogos, normas de atuação em relação ao preconceito e discriminação racial. Outros avanços são os diversos trabalhos acadêmicos e publicações que nos psicólogos (ou outros profissionais) tivemos ultimamente e podemos mencionar isto, por exemplo, na 1ª Edição do Guia de Referência Psicologia e Relações Raciais, lançado neste ano de 2011, que foi um material produzido pelo CRP03, através do Grupo de Trabalho Psicologia e Relações Raciais, da Comissão de Direitos Humanos. Além disso, podemos também ver a discussão das relações raciais concretas nas diversas práticas profissionais, por exemplo: OCB, CAPS, Infância, CBM,

Quilombos, Segurança Pública, Sistema Prisional, Saúde Pública e Saúde da População Negra, Relações de Trabalho, entre, onde houver objeto de trabalho envolvendo sujeitos humanos em diversidade e interação etno-racial.

Apartar de algumas barreiras já vencidas, vejo que ainda temos muito mais desafios que vencer. Principalmente, considerando que os sentidos da Psicologia não são para todos! A psicologia e o psicólogo ainda estão muito desvalorizados para pararem deslocando com certo capital cultural, social e financeiro, o que facilita o acesso a qualidade dos nossos serviços para uma elite "branca", mas por outro lado invisibiliza e desqualifica para uma suposta "elite" social. Associado a isto está outro ponto de destaque, que são as linhas de produção teóricas e práticas que ainda são pouco paradas no latrão mercantilista e no florenscismo, sendo ainda muito anclada a um modelo de ser humano, a um modelo de entender as relações político-sociais e a um modelo cultural fundamentado no funcionalismo. Então, precisamos desenvolver e valorizar uma psicologia e também seus humanos: cada vez mais altos às nossas inseguras, negras, indígenas, brancas, cisgatas, feministas, etc.

Psicólogos e psicólogas, enquanto representantes de uma ciência e profissão, devemos nos preocupar igualmente em onde está o nosso papel político. Atualmente, temos plena ciência da existência de problemas sociais, como o racismo, e mesmo assim há a insistência de estarmos numa suposta imparcialidade: não significa ceticismo que significa coadunar com a manutenção da problemática. Precisamos enquanto profissionais até certificar nos comprometer a serviço da sociedade brasileira e buscar, passando nosso trabalho nos projetos da qualidade técnica e rigor ético, contribuindo para o desenvolvimento da psicologia como ciência e profissão, na direção das demandas da sociedade, promovendo saúde e qualidade de vida de cada sujeito e de todos os cidadãos e instituições, como é de direito em nosso julgamento profissional.

* Psicólogo CRP03/0712, Conselho do CRP03, Coordenador da Comissão de Direitos Humanos do CRP03 e Psicoterapeuta Longueiro e Sartorista.

Referências:

1. MACEDO et al. Psicologia e Direitos Humanos: Educação Inclusiva e Direitos Humanos no Brasil. São Paulo: Casa de Psicologia, São Paulo, 2005.
2. MELO, Carlos Vinicius Gomes. A História da Psicologia e do desenvolvimento da deficiência. Anais do XI Encontro Nacional da ABAPSO, 2008, página 5. Disponível em: <http://www.abapso.org.br/Arquivos/Arquivos/PDF/ANEXO%20II%20-%20O%20desenvolvimento%20da%20psicologia%20no%20Brasil%20-%20Carlo%20Melo.pdf>.
3. BDI, Edois. Memória e consciência: lembranças do velhice. In: São Paulo: Cia das Letras, 1994.
4. GONZALEZ REY, Fernando L. Pesquisa Qualitativa em Psicologia. São Paulo: Pearson Thomson Learning, 2002.
5. BERKASZ, Liane Helena. Subjetividade em um sujeito para uma psicologia comprometida com o social. São Paulo: Casa de Psicologia, 2007.



Publicação no Jornal CRP03

Ano 04 - Edição nº 08 | abril/junho 2012



Usuário(a)s de drogas e saúde mental: tragédia social à espera de mais ação

PÁGINA 12

Planejamento Estratégico: confira os caminhos em 2012 PÁGINA 4

CREPOP: referências da prática profissional PÁGINA 5

Artigo: a medicalização e a captura das diferenças PÁGINA 7

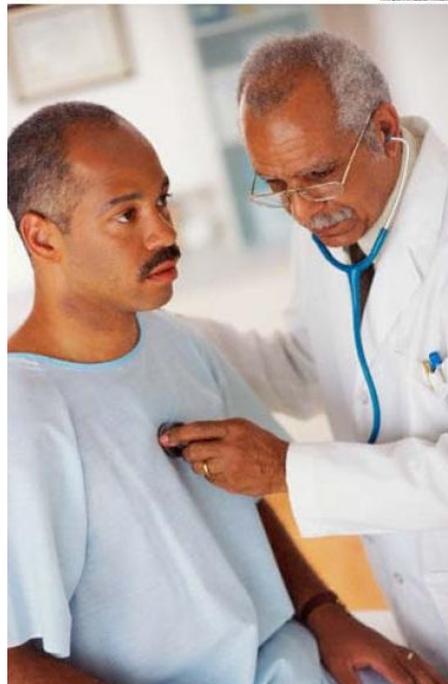
Entrevista: os impactos da violência contra a mulher PÁGINA 19

EM MAR: APM, "FAÇA CATEGORIA" E COTR FRA SUAS DÓCIDAS

10 Artigo

Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: reflexões acerca da pertinência e desafios.

Ana Lúcia Dias*



A existência de uma política de saúde da população negra pode inicialmente despertar questionamentos, afinal, por que o Sistema Único de Saúde que tem como um de seus princípios a universalidade precisa ter uma política voltada a uma população específica? Afinal, qual a necessidade de uma política voltada ao que, conforme destaca o IBCG, em 2010 e o maior grupo populacional do Brasil? Assim, a primeira vista muitos podem questionar: é realmente necessário que o SUS, que prima pela assistência para todos e todas sem exclusão, tenha uma política específica voltada à população negra?

Para responder a esta indagação cabe considerar a trajetória de luta dos movimentos sociais e organizações de negros e negras que há anos vêm demandando à falta do Estado em prover políticas sociais que de fato alcancem a população negra. Esta abordagem da realidade vem cada vez mais sendo confirmada e respaldada por inúmeros estudos de indicadores de condições de vida e saúde, estudos e pesquisas desenvolvidas no âmbito das universidades e centros de pesquisas.

Deste modo, ao analisar importantes indicadores das condições de vida e saúde desagregando os dados por raça/cor, são evidenciadas diferenças consistentes entre brancos e negros. Diferenças estas que são além das desigualdades socioeconômicas, apontando o racismo como fator gerador e mantenedor de desigualdades entre estes grupos populacionais.

Considerando o Índice de Desenvolvimento Humano no IBGE que envolve educação, expectativa de vida e rendimento per capita, o Brasil ocupa em 1999 a 73ª posição, um IDH considerado mediano. Contudo, ao observar este índice desagregando os dados com o recorte racial/étnico, destaca-se que ao se considerar apenas a população branca, o Brasil ocuparia a 46ª posição, próximo a países desenvolvidos. Por outro lado, considerando apenas a população negra o país figuraria na 106ª colocação, com um IDH baixo, próximo de países subdesenvolvidos. Evidencia-se assim a diferença entre o Brasil branco e o Brasil negro, mostrando um grande abismo nas condições de vida dos dois maiores grupos populacionais do país (Piauí, 2003).

Assim, ao analisar outros dois importantes indicadores das condições de saúde de uma população, a expectativa de vida e a mortalidade infantil, a desigualdade entre brancos e negros é ainda mais evidente. No que se refere à expectativa de vida, outra categoria em discussão, o gênero é reconhecido mundialmente que, em geral, mulheres têm expectativa de vida maior que homens. Contudo, ainda tomando por base o IDH, ao se desagregar o dado por gênero e raça o Brasil apresenta uma discrepância à vista: expectativa de vida da população brasileira fica sendo na seguinte sequência: mulheres brancas, 71 anos; homens brancos, 69 anos; mulheres negras, 66 anos e homens negros, 62 anos. Destaca-se assim o peso do racismo, como fator redutor da expectativa de vida, resultando que a interação gênero e raça faz com que mulheres negras te-

nam expectativa de vida três anos menor que homens brancos, contrastando assim a tendência mundial de que mulheres vivem mais que homens (Oliveira, 2002; Paixão, 2003). No caso da mortalidade infantil, é sabido que, entre 1980 e 1991, a mortalidade infantil declinou consideravelmente no Brasil. Porém, ao destacar o dado por raça/cor, observa-se que a desigualdade entre crianças brancas e negras aumentou. Em 1981, a cada 1000 nascimentos vivíveis, morriam 36 crianças negras e 16 brancas; em 1990 a cada 1000 morriam 72 negros e 43 brancos. Do seis, em 1980 as crianças negras morriam 21% mais que crianças brancas e em 1991 esta diferença aumentou para 40% (Cunha apud Oliveira, 2002; Cunha apud Lopes, 2004).

Destaca-se nestes exemplos que as políticas sociais tiveram, e vêm tendo, impacto significativo nas condições de vida dos brasileiros e brasileiras. Contudo, estas políticas não alcançam a todos e que precisam da mesma forma, destacando lacunas relevantes e ampliando o fosco existente entre o Brasil branco e negro.

No que se refere à assistência à saúde, as desigualdades podem ser evidenciadas no cotidiano dos serviços. Investigações mostram que há diferenças significativas no atendimento a mulheres brancas e negras durante a gestação, parto e puerpério. Estudo realizado em 2009-2010 aponta diferenças na informação recebida para onde se dirigir para o parto, no recebimento de assistência para alívio da dor, na permanência do acompanhante e na realização de exames ginecológicos até dois meses após o nascimento. Em todos estes pontos mulheres brancas foram significativamente favorecidas, com as mulheres negras em situação de menor qualidade e suporte.

Ao tomar como foco a doença hipertensiva, patologia de maior prevalência na população negra, torna-se evidente outro grave quadro de invisibilidade e negligência. Fato que investiga a ocorrência de óbitos de crianças com a doença mostrou que a maior parte teve acesso a serviços de saúde, mas que a maioria do quadro que levou ao óbito esteve em grande parte relacionada ao atendimento inadequado do quadro agudo apresentado pelas crianças. Nestes casos, a mortalidade não foi decorrente apenas da doença hipertensiva, mas sim da falta de capacitação dos profissionais em reconhecer e tratar adequadamente as complicações agudas de um das doenças genéticas mais comuns no Brasil e no mundo. Considerando que se refere a óbitos dos dados acima apresentados torna-se relevante ao apontamento feito no início deste artigo. Estes dados apontam de forma contundente que sim, há de grande pertinência a existência de uma política específica voltada à política de saúde da população negra. Uma política que demarque o racismo como elemento crucial às condições de vida, a negligência a questões mais prevalentes na população negra, bem como diferenças no acesso e qualidade de vida.

Como destacar ainda que a PNQINP tem como princípio organizativo a transversalidade, ou seja, a necessidade de articulação e complementaridade de ações entre os diferentes setores de saúde. Assim, a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra não deve de modo algum ser considerada "mais um gabinete da saúde", pois sua efetivação não está na mão apenas do setor de saúde, mas também do setor de educação, cultura e esporte, bem como do setor de trabalho e emprego. Portanto, a implementação da PNQINP não deve ser tratada como atribuição apenas das assessorias, grupos de trabalho, comissões que estejam postas no combate ao racismo. Pelo contrário, é de suma importância que a forma de refile, planejar e implementar a identificação do racismo institucional e o combate às injunções racistas como desafio a ser incorporado estatisticamente nos dados e sistemas de atenção à saúde.



"Uma política que demarque o racismo como elemento crucial às condições de vida, a negligência a questões mais prevalentes na população negra, bem como diferenças no acesso e qualidade da assistência das ações em saúde."

com vistas à promoção da equidade em saúde" (BRASIL, 2010).

Esta política busca, através do desenvolvimento de políticas e ações transversais e intersetoriais, intervir na vulnerabilidade da população negra, buscando as desigualdades étnico-raciais, alterando os padrões de mortalidade da população negra, promovendo saúde e qualidade de vida. Assim, a PNQINP não vem, de modo algum, contrariar o princípio do SUS de universalidade, mas sim realinhar o princípio da equidade, o qual implica a necessidade de reconhecer as diferenças e iniquidades para onde intervir, corrigindo as distorções nos processos constitucionais de cidadania, dignidade da pessoa humana, respeito ao racismo e equidade, portanto, melhorando a carta magna do país. Desta modo, esta Política surge como forma de avançar na construção de um SUS mais justo para todos e todas, verdadeiramente equitativo e universal.

Cabe destacar ainda que a PNQINP tem como princípio organizativo a transversalidade, ou seja, a necessidade de articulação e complementaridade de ações entre os diferentes setores de saúde. Assim, a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra não deve de modo algum ser considerada "mais um gabinete da saúde", pois sua efetivação não está na mão apenas do setor de saúde, mas também do setor de educação, cultura e esporte, bem como do setor de trabalho e emprego. Portanto, a implementação da PNQINP não deve ser tratada como atribuição apenas das assessorias, grupos de trabalho, comissões que estejam postas no combate ao racismo. Pelo contrário, é de suma importância que a forma de refile, planejar e implementar a identificação do racismo institucional e o combate às injunções racistas como desafio a ser incorporado estatisticamente nos dados e sistemas de atenção à saúde.

Neste sentido a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNQINP) deve ser tratada como um

compromisso também por parte dos psicólogos e psicólogas. Particularmente no estado brasileiro de maior população negra, mas que destaca a ser considerada, a PNQM deve ser tratada como um compromisso dos profissionais de Psicologia aqui atuantes, um compromisso junto a população com a qual trabalhamos. De modo algum podemos nos pautar no pensamento simplista de que, por ser da maioria negra, a saúde na Bahia, e particularmente Salvador, não é palco de desigualdades racistas. Pensar assim é ser conivente com estas desigualdades, é negligenciar a população que assistimos diariamente no cotidiano dos nossos serviços e para a qual, cabe reiterar, prezamos promover saúde e qualidade de vida.

A Secretaria Municipal de Saúde de Salvador, assim como a Secretaria de Saúde do Estado em Alagoas e a Coordenação voltada à promoção da equidade racial em saúde, apontando o reconhecimento da problemática na realidade baiana. Assim, far-se mister a aproximação e envolvimento constante com a temática trazendo o compromisso da PNQINP ao âmbito da atuação desenvolvida pela psicologia e psicólogos. Realizarmos reflexões que gere políticas públicas tendo em vista a qualidade de vida, proporcionar humanização na assistência, melhor acolhimento e cuidado, elemento tão caro aos psicólogos e psicólogas atuantes no setor da saúde, passa também, de fato, pelo reconhecimento da realidade vivenciada pelo público-alvo e que, por todos os pontos aqui destacados, o racismo não pode deixar de ser um elemento levado em consideração. Recherche-nos a grandiosidade do desafio, mas destacamos que a implementação da PNQINP não deve ser tratada como atribuição apenas das assessorias, grupos de trabalho, comissões que estejam postas no combate ao racismo. Pelo contrário, é de suma importância que a forma de refile, planejar e implementar a identificação do racismo institucional e o combate às injunções racistas como desafio a ser incorporado estatisticamente nos dados e sistemas de atenção à saúde.

*ANA LÚCIA DIAS (CRP-03/7299) e Especialista em Gestão em Saúde e Mestranda em Saúde Comunitária do Instituto de Saúde, Coelva/UFBA.



Psicologia em Interface com os Direitos Humanos

Dia 01 de dezembro de 2009 às 19h, na Sede do CRP-03

Palestrantes:

- * Alessandra Almeida [Conselheira e Coord. da Comissão de Direitos Humanos do CRP-03]
- * Marcus Vinicius [Profº. Dr. da UFBA]

Coordenadores dos GT's da Comissão de Direitos Humanos [COMDH]:

- * Darlane Andrade [Grupo de Trabalho Relações de Gênero e Psicologia]
- * João Martins [Grupo de Trabalho Psicologia e Usos de Substâncias Psicoativas]
- * Luanna Lima [Grupo de Trabalho de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente]
- * Mariana Carteador [Grupo de Trabalho Saúde Mental]
- * Maria Célia Vaz [Grupo de Trabalho de Psicologia Jurídica]
- * Maurício Brasil [Grupo de Trabalho Combate à Homofobia]
- * Otávio Mendes [Grupo de Trabalho Psicologia e Relações Raciais]

Este evento é um espaço de indicação de proposta para o:

VII Congresso nacional da psicologia

Realização: Conselho Regional de Psicologia - BAHIA - BA
Organização: Comissão de Direitos Humanos
www.crp03.org.br

Endereço: Rua Prof. Aristides Novis, 27, Federação - SSA (BA)
Informações: [71] 3247-6716 / 3332-6168 / recepcao@crp03.org.br / comdh@crp03.org.br
Inscrições: inscricaoeventos@crp03.org.br

Psicologia: uma profissão na luta pela promoção e defesa dos direitos



Dia 20 de agosto de 2010, às 19h, no CRP-03.

Programação

19h - Apresentação

Palestrante: Alessandra Almeida - Coordenadora da Comissão de Direitos Humanos do CRP-03.

19h15min - Abertura: Direitos Humanos na Contemporaneidade

Palestrante: Mirela Oliveira - Assessora Técnica da Comissão de Direitos Humanos do CRP-03.

19h30min - Mesa 1: Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos (Art. I da Declaração Universal de Direitos Humanos)

Grupo de Trabalho de Combate à Homofobia
Palestrante: Rosângela Casto

Grupo de Trabalho de Psicologia e Relações de Gênero
Palestrante: Helena Miranda

Grupo de Trabalho de Psicologia e Relações Raciais
Palestrante: Carlos Vinícius

20h30min - Mesa 2: Toda pessoa tem direito à vida, liberdade e segurança pessoal (Art. III da Declaração Universal de Direitos Humanos)

Grupo de Trabalho em Defesa do Direito da Criança e do Adolescente
Palestrante: Luciana Barreto

Grupo de Trabalho de Psicologia Jurídica
Palestrante: Maria Célia Vaz

Grupo de Trabalho de Psicologia e Usos de Substâncias Psicoativas
Palestrante: Marcelo Andrade

Grupo de Trabalho de Saúde Mental
Palestrante: Mariana Carteador

21h30min - confraternização em homenagem ao Dia da (o) psicóloga (o)

Foto: Dreamstime



Realização:



Acesso: www.crp03.org.br

Organização

Comissão de Direitos Humanos

Informações

(71) 3332-6188/ 3247-6716
recepcao@crp03.org.br
comdh@crp03.org.br

Inscrições

inscricaoeventos@crp03.org.br

ENCONTRO

PSICOLOGIA E SOCIOEDUCAÇÃO

RELAÇÕES POSSÍVEIS FRENTE À PRIVAÇÃO DE LIBERDADE

ARTICULADORAS (ES): ANA VLÁDIA H. CRUZ (UFRN),
CRISTIANE BARRETO (COMISSÃO ADHOC - CREPOP) E
PARLO POTRICH CORAZZA (INSTITUTO DOMUS / RS)

COTIDIANO PROFISSIONAL E ESPAÇO CULTURAL

DATA: 30 DE JULHO

HORA: 8H ÀS 12H30MIN

LOCAL: AUDITÓRIO DO CRP-03 (RUA ARISTIDES NOVIS,
N. 27 - FEDERAÇÃO, SALVADOR-BA)

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES: (71) 3332-6168 / (71) 3247-6716

EVENTOS@CRP03.ORG.BR | WWW.CRP03.ORG.BR



Conselho Regional
de Psicologia

3ª REGIÃO - BA

Comissão de
Direitos Humanos

Grupo de Defesa
dos Direitos da Criança
e do Adolescente



**PROTEÇÃO
CUIDADO
EXCLUSÃO
SOFRIMENTO**

EM NOME DA PROTEÇÃO E DO CUIDADO,
QUE FORMAS DE EXCLUSÃO E
SOFRIMENTO TEMOS PRODUZIDO?

Campanha Nacional de Direitos Humanos

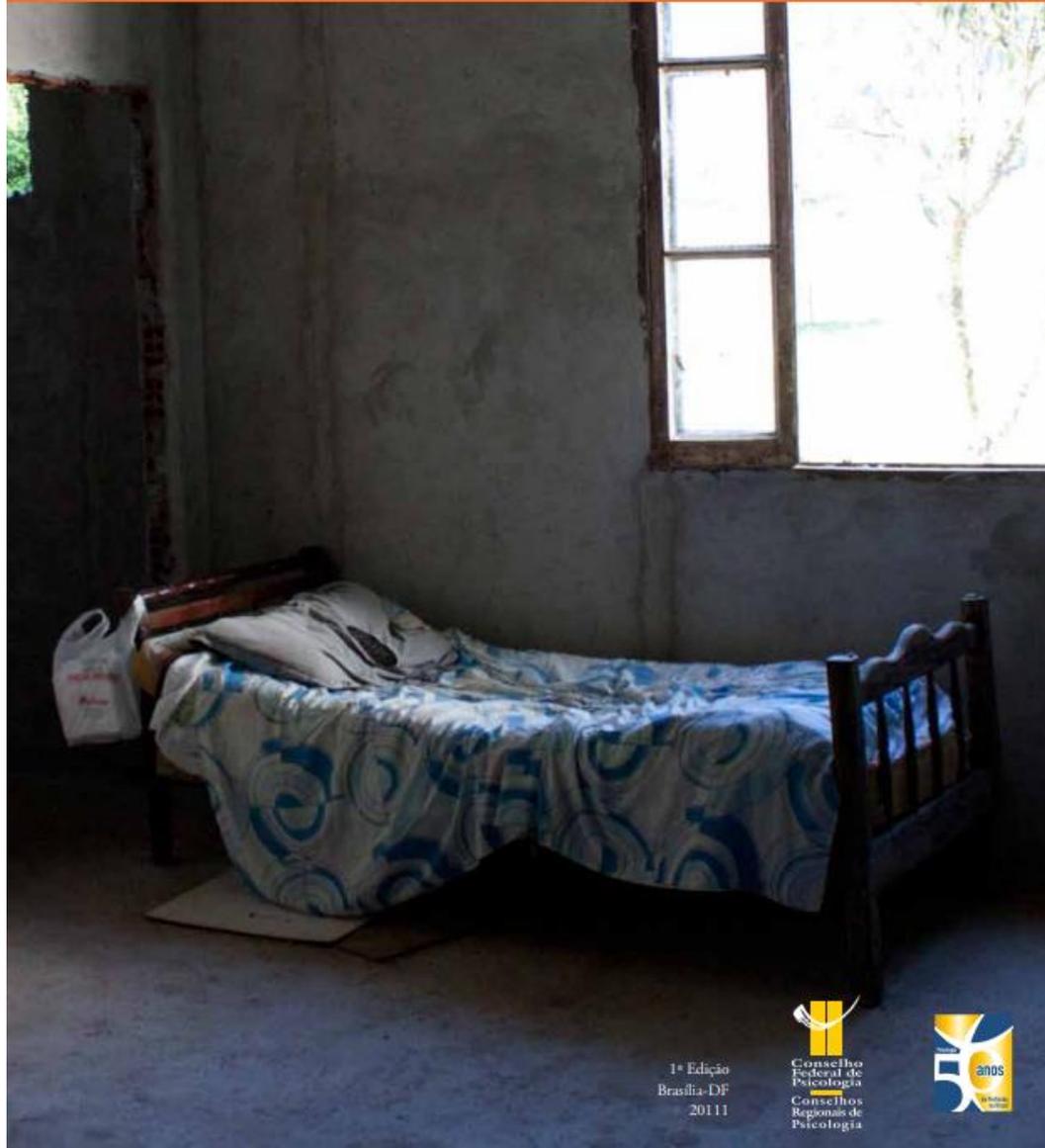


**PROTEÇÃO
CUIDADO E
SOFRIMENTO**

I Encontro de diálogos em Psicologia e Direitos Humanos e II Curso de Psicologia e Direitos Humanos.

Dias 27 e 28 de julho, no Auditório da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia - Federação.

Relatório da 4ª Inspeção Nacional de Direitos Humanos: locais de internação para usuários de drogas



1ª Edição
Brasília-DF
2011



A verdade é revolucionária:



testemunhos e
memórias de
psicólogas e
psicólogos
sobre a
ditadura
civil-militar
brasileira
(1964-1985)



Foto: Chicago's North Shore Conventions & Visitors Bureau

Os impactos da **Publicidade infantil** na formação das subjetividades

05/12 sexta-feira

18H Abertura

Apresentação dos VTs do Conselho Federal de Psicologia

Palestra: A importância da Democratização da Comunicação Social no Brasil

Lançamento da Campanha "Quem Financia a Baixaria é Contra a Cidadania", com o representante do Conselho Federal de Psicologia Ricardo Moretzsohn

Debates

Encerramento

06/12 Sábado

9H Abertura

Apresentação das pesquisas: 1. Qual a Percepção dos Professores a cerca dos Conteúdos Televisivos e 2. A Percepção dos Pais em Relação ao Poder de Compra da Criança

9H30 Painel sobre "Os Impactos da Publicidade Infantil na Formação das Subjetividades"

10h30 Trabalho em grupo

12h30 Almoço

14H Trabalho em Grupo

16H Plenária para elaboração dos Manifestos pela Convocação da 1ª Conferência Nacional de Comunicação Social e pela aprovação do Projeto de Lei que regulamenta a publicidade infantil no Brasil.

18H - Encerramento

Informações e inscrição pelo e-mail gtpm@crp03.org.br ou pelo telefone (71) 3247-6716

Realização:

Conselho Regional
de Psicologia
REGIÃO-NORDE

Comissão de Comunicação
Comissão de Direitos Humanos
GT de Psicologia e Mídia
GT de Defesa dos Direitos da
Criança e do Adolescente
GT Relações de Gênero e Psicologia

Apoio:
AGECOM - Assessoria de Comunicação
Social do Governo da Bahia

Seminário

Gênero e Diversidade

Nas Relações de Trabalho da(o) Psicóloga(o)

26 DE SETEMBRO, DAS 8H ÀS 12H, NO CRP-03

PROGRAMAÇÃO

Mesa de exposição de Idéias:

Sexismo, Racismo e Heterossexismo: Implicações nas relações de trabalho

Gênero e Trabalho - Zilmar Alverta (PPG-NEIM/UFBA)

Raça e Trabalho - Antônia Garcia (UFBA)

Orientação Sexual e Trabalho - Rosângela Castro (CRP-03)

Mesa de debate:

Como o(a) Psicólogo(a) "afeta" as pessoas em suas relações de trabalho: preconceitos e normatizações sociais - Valter Da Mata (CRP-03)

Como o(a) Psicólogo(a) é "afetado" no mundo do trabalho: precarização da profissão e proteções asseguradas - Álvaro Gomes (Deputado Estadual)

Este evento é um espaço de indicação de propostas para o:

VII
Congresso
nacional
da psicologia

INSCRIÇÕES: compt@crp03.org.br



Articulação Nacional
de Psicólogas(os) Negras(os)
e Pesquisadoras(es)

Voltemos ao questionário!



Articulação Nacional
de Psicólogas (as) Negras (as)
e Pesquisadoras (as)

MISSÃO & OBJETIVO

ARRASTE PARA O LADO E CONHEÇA!



Articulação Nacional
de Psicólogas (as) Negras (as)
e Pesquisadoras (as)

MISSÃO

Ação política no campo
da Psicologia considerando
o impacto do racismo na
construção das subjetividades
e nas relações raciais.



Articulação Nacional
de Psicólogas (as) Negras (as)
e Pesquisadoras (as)

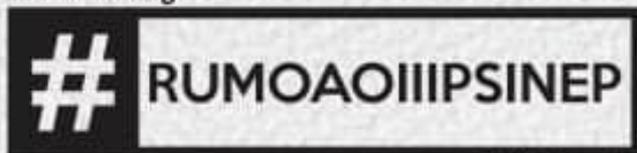
OBJETIVO

A sensibilização da categoria,
articulação da produção de
conhecimento e disseminação
da ação e da temática para
toda sociedade brasileira.



Articulação Nacional
de Psicólogas (as) Negras (as)
e Pesquisadoras (as)

Use a hashtag



Goiânia - GO



*As pegadas das pessoas
que andaram juntas
nunca se apagam.*

PROVÉRBIO AFRICANO



@ANPSINEP

ARTICULAÇÃO NACIONAL DE PSICÓLOGAS(OS) NEGRAS(OS) E PESQUISADORAS(ES)



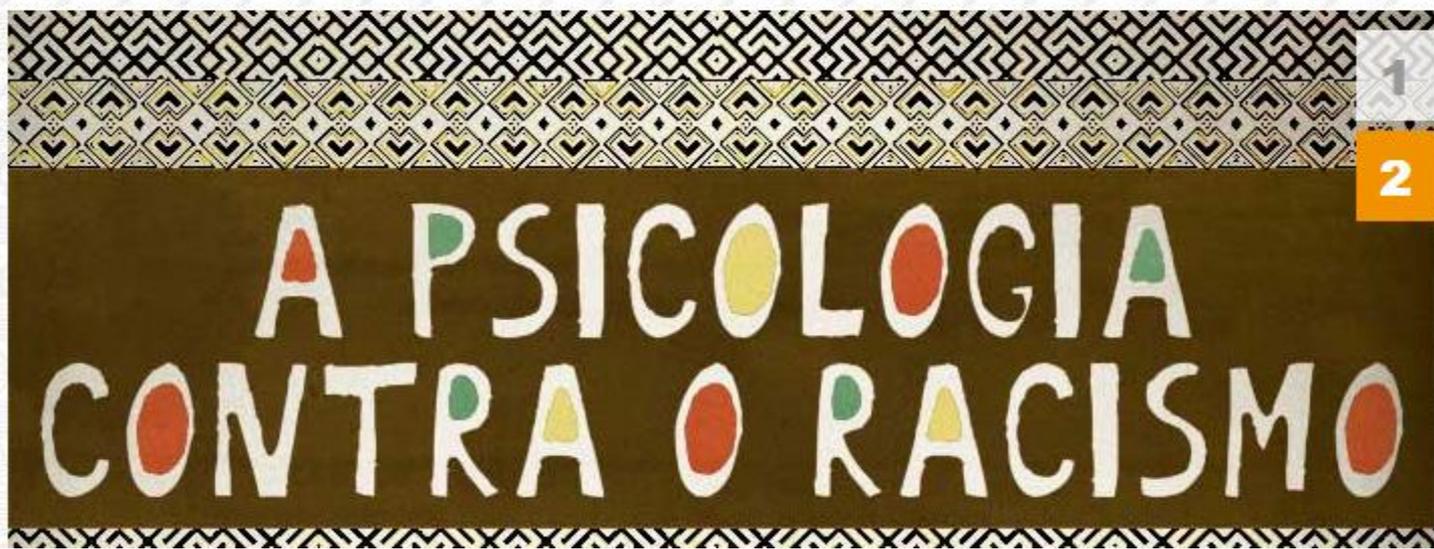
Articulação Nacional
de Psicólogas(os) Negras(os)
e Pesquisadoras(es)

✓ Curtir Você e outras 1.298 p

Digite o que deseja p

[Voltar para página inicial](#)

[HOME](#) [APRESENTAÇÃO](#) [PUBLICAÇÕES](#) [EVENTOS](#) [MULTIMÍDIA](#) [NOTÍCIAS](#) [PSINEP](#) [FA](#)



FUNCIONAMENTO

Instituições participantes:

- Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT) São Paulo – S
- Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará (CEDENPA) Belém – PA
- Instituto AMMA Psique e Negritude São Paulo – SP
- Instituto Silvia Lane de Psicologia e Compromisso Social Salvador – BA
- Maria Mulher – Organização de Mulheres Negras Porto Alegre – RS
- Observatório Negro (ONEG) Recife – PE
- Rede de Mulheres Negras do Paraná Curitiba – PR

Grupo Gestor:

- Primeira e atual gestão:
 - Instituto AMMA Psique e Negritude (Secretaria Executiva)
 - Observatório Negro
 - Instituto Silvia Lane de Psicologia e Compromisso Social
 - Rede de Mulheres Negras do Paraná

Critérios de Participação:

- Organizações com trabalhos no campo das relações raciais em psicologia
- Em discussão formas de ampliação de participação



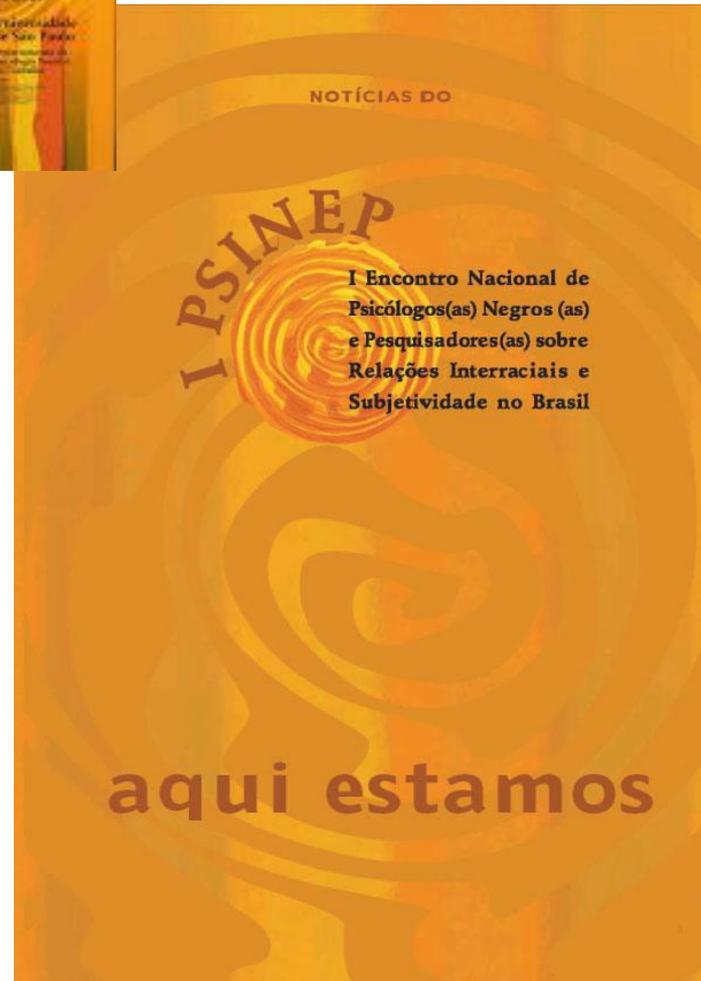
I Encontro Nacional de Psicólogas(as) Negras(as) e Pesquisadoras(as) sobre Relações Interraciais e Subjetividade no Brasil

Carta de São Paulo

Nós, participantes do I Encontro Nacional de Psicólogas(as) Negras(as) e Pesquisadoras(as) sobre Relações Interraciais e Subjetividade no Brasil (I PSINEP), reunidas(os) nos dias 13, 14 e 15 de outubro de 2010, na Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo, reafirmamos nosso entendimento de que o racismo constitui uma das questões mais fundamentais para a compreensão dos processos de exploração e dominação instalados na sociedade brasileira. Tal condição exige que todos os esforços sejam empreendidos no sentido de elucidar seus mecanismos que, enraizados em uma história marcada por séculos de escravização, resultaram em padrões de relações raciais que ocultam perversamente a violência sistemática imposta historicamente à população negra.

O racismo à moda brasileira constitui um dos mais sofisticados e enigmáticos mecanismos que, operando por meio da violência sistemática e silenciada, produz e toma cada vez mais agudas as desigualdades sociais, que no Brasil têm também um viés eminentemente racial. Estes aspectos se encontram fortemente inscritos nas dinâmicas institucionais que regem o funcionamento da sociedade brasileira, marcada em seu imaginário pelo mito da democracia racial, condição responsável pela configuração de formas de subjetivação social que naturalizam práticas correntes pautadas no racismo, na discriminação e no preconceito.

A psicologia brasileira, em seus processos históricos de institucionalização, não fugiu a essa regra. Originalmente pautada na epistemologia das concepções eugenistas e racistas, em seu desenvolvimento posterior suas práticas mantêm a complicidade com o mito da democracia racial, caracterizando-se por uma importante omissão frente à temática das relações interraciais. Em função disso, a psicologia negligencia o estudo dos aspectos subjetivos envolvidos nos processos identitários, auto-valorativos e no sofrimento psíquico decorrentes das práticas racistas vigentes na sociedade brasileira. Com raras e honrosas exceções, a produção científica e profissional da psicologia brasileira não se interessou pela temática das relações raciais e não reconheceu essa dimensão trágica do racismo, tão relevante e presente como fonte de agravos à saúde mental de quase metade da população do país, constituída pelos afrodescendentes.



- <http://anspinedp.cfp.org.br/2012/06/13/aqui-estamos/>



I Encontro Nacional de
Psicólogos(as) Negros(as)
e Pesquisadores(as) sobre
Relações Inter raciais e
Subjetividade no Brasil

aqui estamos

Sumário

Apresentação	13
Homenagens	17
Abertura	21
Conferência de Abertura	26
Eixo 1: Relações Históricas da Psicologia com o Racismo	31
Conferência: Embranquecimento, Pertencimento Étnico Racial e Identidade Fragmentada	43
Eixo 2: Racismo e Sofrimento Psíquico	51
Eixo 3: Configuração do Mundo Profissional e Social	63
Comentários nas Rodas de Conversa	73
Propostas do I PSINEP	79
Carta de São Paulo	83
Programação I PSINEP	87



II Encontro Nacional de Psicólogas(os) Negras(os) e Pesquisadoras(es) das Relações Raciais e Subjetividades (II PSINEP)

12 anos de uma resolução invisível

Confirmada a data: **01 a 03 de maio de 2014**

Local: Recife-PE / Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE)

Informações: ansinep@gmail.com | www.ansinep.cfp.org.br | www.facebook.com/psinep
(11) 96116 5920 (Tim) | 99423-4936 (Claro) – Clélia Prestes
(81) 9612-1082 (Tim) – Jesus Moura | (81) 3012 9732 (Fone/Fax) – Laís Silva



Edição especial II PSINEP

por **Editor** em [14/12/2015](#) em **Notícias**



Edição especial PSINEP

Com muita alegria que a Revista Brasileira de Psicologia publica o número especial do **II Encontro Nacional de Psicólogas/os Negras/os e Pesquisadores sobre Relações Raciais e Subjetividade (PSINEP)**, realizado em 2014, Recife, Pernambuco.

Além da conferência de abertura do prof^o Dr. Kabengele Munanga, o número especial traz ainda relatos de experiências e de pesquisa sobre o racismo, o preconceito e a discriminação nas mais variadas perspectivas, demonstrando a pluralidade dos estudos e práticas psicológicas sobre o tema.

Agradecemos à equipe do PSINEP, em especial a Carlos Vinicius Gomes Melo, editor convidado desta edição especial.

Leia, Compartilhe, debata!!

Seja social... compartilhe!



< Quarto número já disponível

No comments yet.

Você precisa fazer [log in](#) para comentar.

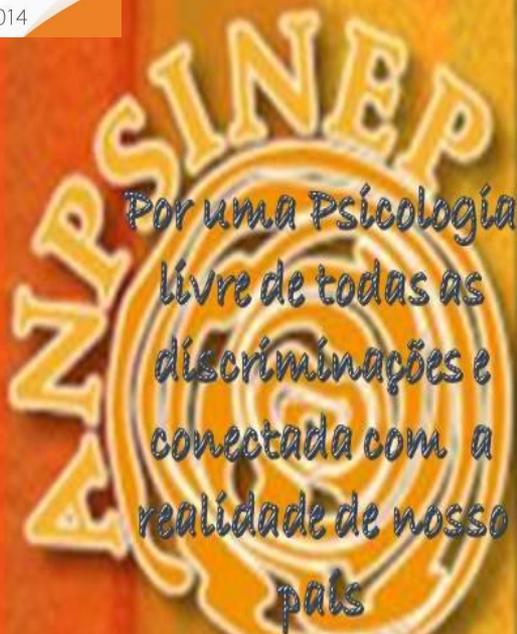




IV CONGRESSO BRASILEIRO
PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO

OS IMPACTOS DA PSICOLOGIA NA SOCIEDADE BRASILEIRA:
A POLÍTICA DA CIÊNCIA E PROFISSÃO

19 a 23 de novembro de 2014



Por uma Psicologia
livre de todas as
discriminações e
conectada com a
realidade de nosso
país

**Articulação Nacional de Psicólogas(os)
Negras(os) e Pesquisadoras(es)**

Coordenação Geral: Maria Lúcia da Silva

Psicóloga Clínica. Habilitada em coordenação de grupos com foco em gênero e raça. Especialização em Saúde Coletiva pelo Instituto de Saúde, Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo. Integrante do Instituto AMMA Pique e Negritude, do GT Racismo e Saúde Mental do Ministério da Saúde e do GT Resolução 018 do Conselho Federal de Psicologia.

E-mail: ansinep@gmail.com

Nosso compromisso para 2015 é a construção da ANPSINEP como ferramenta de luta das/os psicólogas/os para o enfrentamento do racismo. Iniciamos um novo ciclo: passamos de uma articulação de entidades para de psicólogas(os). Uma das metas deste ano será a abertura de filiações.

Una-se a nós!

NOVA COORDENAÇÃO

Região Nordeste

Maria Conceição Costa. Psicóloga Mestre em Psicologia – UFPE. Especialista em Políticas Públicas e Gestão de Serviços Sociais - UFPE. Equipe de Formação da Secretaria Executiva de Justiça e Direitos Humanos. Professora da Especialização da Faculdade Frassinetti do Recife-FAFIRE.

Carlos Vinícius Melo. Psicólogo, Mestre em Psicologia Social e do Trabalho pela UFBA. Professor na Faculdade Maurício de Nassau. Psicoterapeuta atuando nas Clínicas AMINAPSI e no IRPOS. Conselheiro do XIV Plenário do CRP/03 - Bahia, gestão 2013-2016.

Região Sudeste

Maria Conceição Nascimento. Psicóloga. Especialização: Raça, Etnias e Educação no Brasil - PENESB/UFF. Mestrado em Estudos da Subjetividade - PPGP/UFF. Conselheira e Coordenadora do Eixo Relações Raciais da Comissão de Direitos Humanos do CRP/05 – Rio de Janeiro.

Veridiana Machado. Psicóloga. Mestranda em Psicologia pela USP. Pesquisadora do Laboratório de Etnopsicologia. Colaboradora do Grupo de Trabalho Psicologia e Relações Raciais e Grupo de Trabalho Psicologia e Povos Indígenas do CRP/06 - São Paulo.

Região Norte

Willivane Ferreira de Melo. Psicóloga, Mestrado em Psicologia e especialização em Psicologia da Educação pela UEPA; Conselheira e Presidenta da Comissão de Psicologia e Relações Raciais do CRP/10 - Pará/Amapá.

Robenilson Barreto. Psicólogo. Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal do Pará. Psicólogo escolar do Centro de Atendimento Educacional. Integrante da Comissão de Psicologia e Relações Raciais do CRP/10 - Pará/Amapá.

Região Centro-oeste (*)

Márcia Maria da Silva. Psicóloga. Integrante do GT Racismo e Saúde Mental e Representante do CRP/01 – Distrito Federal, junto a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial – SEPIR/DF.

Região Sul (*)

Glaucia Fontoura. Psicóloga. Especialização em Políticas Públicas de Gênero, Raça e Promoção da Igualdade, pela PUC - RS e colaboradora da Comissão de Direitos Humanos do CRP/07 – Rio Grande do Sul.

(*) Em composição a segunda representação.

Ação estratégica 1: **CONSTRUÇÃO DA ANPSINEP**

Instituir um espaço político par a atuação das/os psicólogas/os e ativistas no enfrentamento ao racismo.

- Construir a carta de princípio, que regulamente as formas de participação na ANPSINEP, em colaboração com os psicólogos, tendo como referência a Carta de São Paulo;
- Criar parcerias com as instituições do campo da psicologia como estratégia de disseminação do tema;
- Consolidar parcerias com o Sistema Conselho;
- Construir parcerias com as organizações do Movimento Social, em particular, com o Movimento Negro e de Mulheres Negras.

Ação Estratégica 2: **MOBILIZAÇÃO E ENVOLVIMENTO DOS PSICÓLOGOS NO ENFRENTAMENTO AO RACISMO**

Favorecer um espaço de atuação política para os psicólogos/os comprometidos com o enfrentamento ao racismo, com vistas à atuação nas políticas públicas.

- Realizar uma campanha de cadastramento com o perfil de atuação desses psicólogos, com vista a uma futura filiação;
- Utilizar os veículos de comunicação das instituições parceiras para divulgação, ampliação do debate sobre a temática;
- Mobilizar as/os participantes do I E II PSINEP como colaboradores desse processo de construção;
- Sensibilização dos estudantes de psicologia para o tema do enfrentamento ao racismo.

Ação estratégica 3: **REGIONALIZAÇÃO DA ANPSINEP**

Organizar sua atuação de enfrentamento ao racismo, respeitando a diversidade, especificidades e peculiaridades regionais.

- Instituir espaços regionais, contemplando as especificidades locais;
- Fomentar redes regionais de psicólogas/os;
- Incentivar a organização de grupos de discussão e atuação em todos os estados brasileiros;
- Apoiar ações e espaços de mobilização dos movimentos sociais negros nas regionais.

Ação estratégica 4: **ESTRATÉGIA DE COMUNICAÇÃO DA ANPSINEP**

Criar mecanismos de comunicação como instrumentos de divulgação, difusão e expansão das ações do ANPSINEP.

- Divulgar ações, participações e representações dos membros da ANPSINEP nas redes sociais;
- Criar um boletim eletrônico para veiculação de assuntos e conteúdos relativos à temática relações raciais e psicologia
- Construir um banco de dados com informações sobre a produção de conhecimento no campo da psicologia e relações raciais (artigos, dissertações, teses, experiências exitosas, etc.)



10 DE OUTUBRO

Dia Mundial da Saúde Mental

#Saúde da População Negra Importa!

ARTICULAÇÃO NACIONAL DE PSICÓLOGAS(OS) NEGRAS(OS) E PESQUISADORAS(ES)



@ANPSINEP



27 DE AGOSTO

Dia das^(os) Psicólogas^(os)

#SAÚDE MENTAL DA POPULAÇÃO NEGRA IMPORTA!



JULHO DAS PRETAS



NEUSA SOUSA • VIRGÍNIA LEONE BICUDO • WILLIVANE MELO



25 de Julho
DIA DA MULHER NEGRA
LATINO-AMERICANA
E CARIBENHA

Nacionalmente dia de
Tereza de Benguela

Reunião da Coordenação Nacional

Nov./2019



I ENCONTRO PERNAMBUCANO DE PSICOLOGIA
DE ESTUDANTES, PROFISSIONAIS E
PESQUISADORAS(ES) NEGRAS(OS)

#rumollpsinep2020

DESCOLONIZAÇÃO
E PSICOLOGIA
ANTIRRACISTA

MAIORES
INFORMAÇÕES:
81- 98833 0031
81- 98104 8872

INSCRIÇÕES PRORROGADAS
ATÉ DIA 03/11

DIA 08/11 - ENCONTRO DE ESTUDANTES NEGRAS(OS)
INSCRIÇÕES COM REPRESENTANTES NAS IES

DIA 09/11 - ENCONTRO DE PROFISSIONAIS E ESTUDANTES
INSCRIÇÕES NO LINK:
[HTTP://BIT.LY/ANPSINEPE](http://bit.ly/ANPSINEPE)



Articulação Nacional
de Psicólogas(os) Negras(es)
e Pesquisadoras(es)

O NÚCLEO BAHIA DA
ANPSINEP CONVIDA A
TODAS/OS PARA SUA
3ª REUNIÃO ABERTA

17/12/2019 às 18h30

Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública
Av. Dom João VI 275 Brotas - Salvador BA
PAV III 1º andar - sala 110

Contato

Veridiana Machado - 55 71 99152 2122
veridiana.machado@gmail.com
Carlos Vitorias Mota - 55 71 99152 9115
cmotacnpsinep@gmail.com



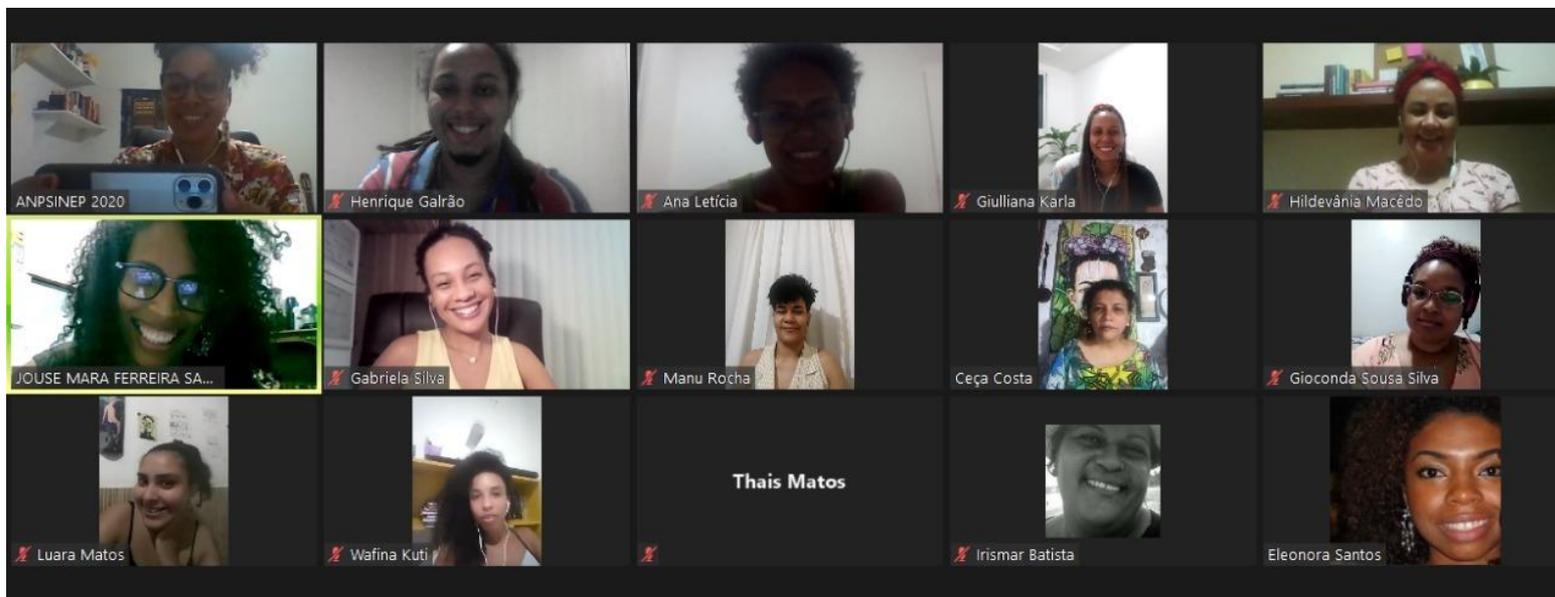
ARTICULAÇÃO NACIONAL DE
PSICÓLOGAS/OS NEGRAS/OS E
PESQUISADORAS/ES - ANPSINEP

O Núcleo do Rio de Janeiro/RJ
convida as/os psicólogas/os para
a sua reunião de lançamento.

Psicóloga Convidada:
Dra. Maria Aparecida Bento

18/10 das 18h às 21h

UERJ - Bloco F - Sala 9017
Faculdade de Serviço Social





Agosto
29
às 16:00

RODA DE CONVERSA:

Onde estamos e para onde vamos com a Saúde Mental da População Negra?

O Núcleo de Articulação de Psicólogas(os) Negras(os) da região de São Paulo convida para este diálogo, no próximo Sábado.



MARIA VITÓRIA PAIVA
Mestre em Relações
Étnico Raciais



BRUNO MOTA
Mestre em Psicologia
Coordenador da ANPSINEP
Núcleo São Paulo



WINNIE SANTOS
Doutoranda em Psicologia Social
Coordenadora da ANPSINEP
Núcleo São Paulo



MARIA LUCIA DA SILVA
Psicóloga, Psicanalista
Coordenadora da
ANPSINEP Nacional

Transmissão Plataforma ZOOM

Sudeste



Mute



Start Video



Manage Participants



New Share



Pause Share

Norte

“ÁGUAS QUE NOS TRAZEM E QUE NOS CURAM: POPULAÇÃO NEGRA E SAÚDE MENTAL NA AMAZÔNIA”

15 TERÇA SET 19H

Eliane Costa
CRP20/1256
Psicóloga,
Pesquisadora
Doutora em Psicologia
Especialista na área de
Saúde Mental

Mediação:
Estela da Costa
CRP20/10236
Psicóloga
Conselheira no CMDCA
Membro do núcleo Rondônia - ANPSINEP

Daniele Vasco Santos
CRP10/1501
Psicóloga, doutora em Educação
Membro da Associação Brasileira de
Psicologia Social.

#SAÚDEMENTALDAPOPULAÇÃONEGRAIMPORTA!
@ANPSINEP

SAÚDE MENTAL NEGRA E INDÍGENA: O QUE A PSICOLOGIA TEM A VER COM ISSO?

#SAÚDEMENTALDAPOPULAÇÃONEGRAIMPORTA!



Veridiana Machado

CRP 03/4931

@ANPSINEP

ARTICULAÇÃO NACIONAL DE PSICÓLOGAS(OS)
NEGRAS(OS) E PESQUISADORAS(ES)

Thaynara Sipredi

CRP 01/19721

@ABIPSI - ARTICULAÇÃO BRASILEIRA DOS (AS) INDÍGENAS
PSICÓLOGOS (AS)

22 AGOSTO
AS 15H

*** LIVE NO INSTAGRAM DA ANPSINEP ***



Projeto Circuito de Lives 2020

Eventos preparatórios para o VII Encontro Regional Nordeste da ABRAPSO

Live 1: "O compromisso da Psicologia na luta anti-racista antes, durante e depois da pandemia no Nordeste"

Convidados:



Veridiana Machado - Psicóloga, Mestre em Psicologia (USP), Doutoranda em Estudos Étnicos e Africanos (UFBA) e representante da ANPSINEP (Articulação Nacional de Psicólogas/os Negras e Pesquisadores).



Marcus Giovanni Moreira - Professor Universitário, Advogado, Mestre em políticas públicas (UECE) e Doutorando em sociologia (UFC).

Data: 01 de outubro de 2020

Hora: 19h

Onde: Facebook e Youtube da ABRAPSO

Responsáveis: Núcleo BA e Núcleo Fortaleza da ABRAPSO



Efeitos psicossociais do racismo

Aula na Disciplina:
Intercultura e raça-etnia

Carlos Vinicius Gomes Melo

Pós-Doutorado em Psicologia Social pela USP

Bolsista FAPESP



20.10.2020
São Paulo/SP

Ensaio teórico

- Apresentar as relações étnico-raciais em desigualdade através da noção de reconhecimento social de Axel Honneth.
- Como o seu não reconhecimento impacta na identidade e produz os efeitos psicossociais do racismo (preconceito, discriminação e humilhação social).
- Apresentar os benefícios e limitações do uso desta noção para compreender o fenômeno das relações étnico-raciais no Brasil.

Relações Étnico-raciais Racismo

Benefícios

**Reconhecimento
Social**

Limitações

Efeitos:

Preconceito

Discriminação

Humilhação

Racismo

- Sistema de crenças e imposições de valores e ideologia de hierarquização que serve para limitar direitos e acessos, excluir, inferiorizar e discriminar os membros de minorias políticas raciais e etnias (Bhui, 2002; Clark, Anderson, Clark & Williams, 1999).
 - Ideologia (Ideias que estabelecem relações de poder e dominação, sendo orientadas por crenças socialmente compartilhadas)
 - Estrutura (Configura as estruturas sociais, a ex.: territórios urbanos, cargos de trabalho, classes sociais, etc.)
 - Processo (Muda/Adapta ao tempo e espaço)
 - Aprendizagem (preconceito e sentimentos de rebaixamento)

Especificidades do racismo brasileiro

- Segundo mapeamento de artigos, no período de 2000 a 2010, houve uma tendência em busca de compreensão em como ocorre a *manifestação do preconceito, discriminação e do racismo* nos indivíduos e grupos, assim como investigar os *efeitos psíquicos e subjetivos* desses e suas *formas sutis de manifestação*.

Martins, Santos e Colosso (2013)

- O racismo brasileiro é caracterizado como cordial ou sutil e por uma polidez superficial. Suas atitudes e comportamentos se expressam nas relações sociais e interpessoais através de piadas, ditos populares e brincadeiras de cunho racial com efeitos psicossociais sobre a pessoa alvo do racismo

Lima e Vala (2004)

Racismo clássico vs Racismo sutil

- Racismo Clássico
 - Abertamente flagrante pelo preconceito manifestado
 - Discriminação direta pela segregação
 - Observado na herança da colonização anglo-saxônico-protestante
- Racismo Sutil
 - Camuflagem e controle do preconceito
 - Discriminação indireta de cerceamento de direitos
 - Observado na herança da colonização ibérico-cristã

Racismo anglo-saxônico

- Racismo nórdico
 - nítida a segregação, *apartheid* e binarismo racial
 - Influencia de mitos raciais
 - purismo de sangue e inferioridade dos mestiços
 - *Arianismo* ou *nordismo* como justificadores de mitos de superioridade racial secundários como germanismo, anglo-saxonismo e celtismo (surgidos nos nacionalismos da Alemanha, Inglaterra, EUA e França)
 - Racismo científico biologizante
 - Miscigenação – *miscere* (mistura) e *genus* (raça)
 - Antinatural, pois se tratavam de cruzamentos entre seres desiguais
 - Poligenismo

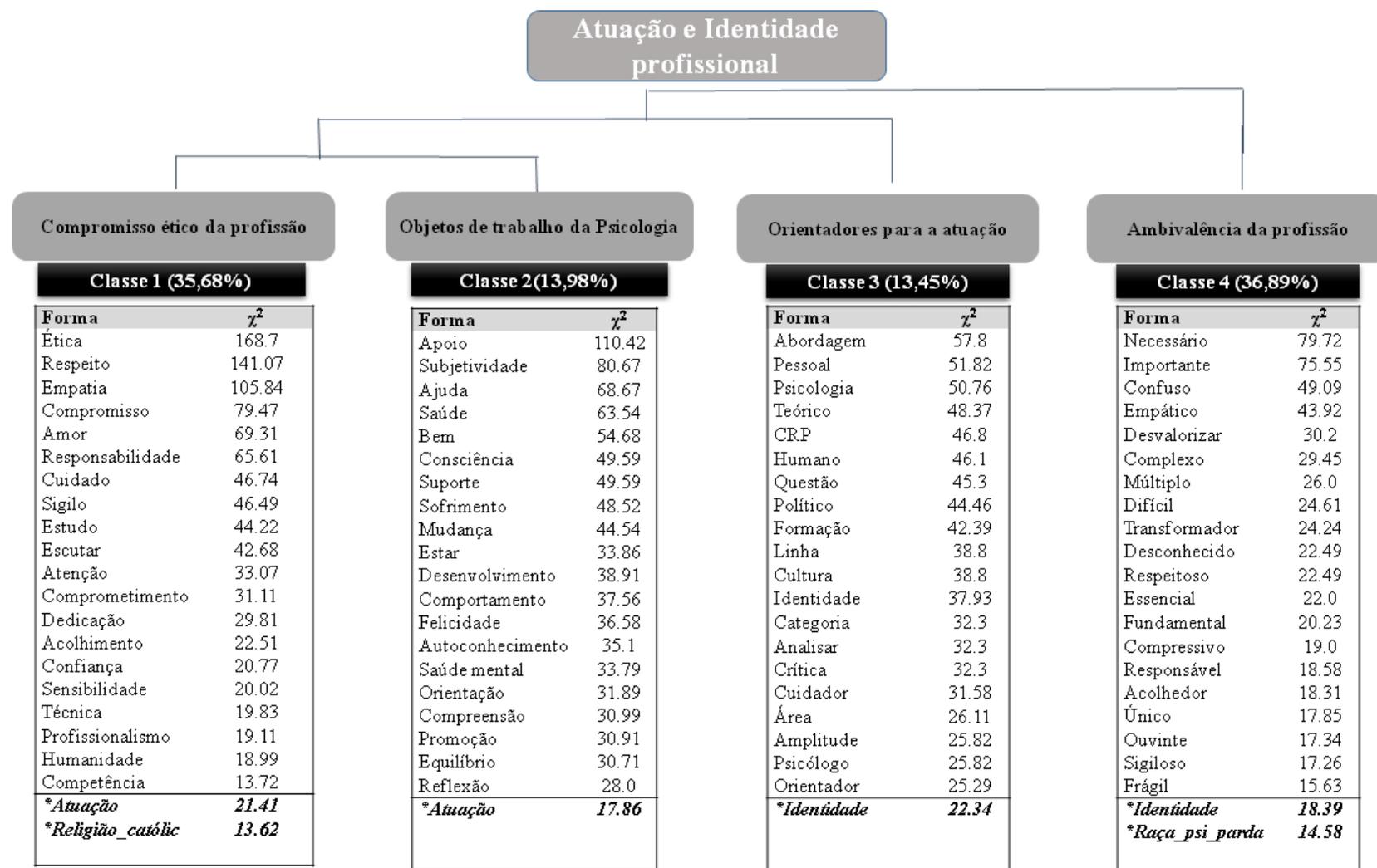
Racismo ibérico-cristão

- Racismo latino
 - Intimidade, proximidade e violência
 - Racismo cultural
 - Mestiçagem - consentida como mistura biológica de diferentes fenótipos, mas também como sincretismo e hibridismo cultural e linguístico.
 - O argumento está nas diferenças culturais, da língua, da religião, das tradições e costumes, mas não mais no atributo natural que segue uma hierarquia biológica.
 - Influencia da mestiçagem e do cristianismo
 - Mestiçagem observada como *afirmação de identidade de nacional*
 - *Estratégia de evangelização* como forma de socializar os diferentes grupos e pessoas sob um mesmo padrão de humanidade cristã – Monogenismo.

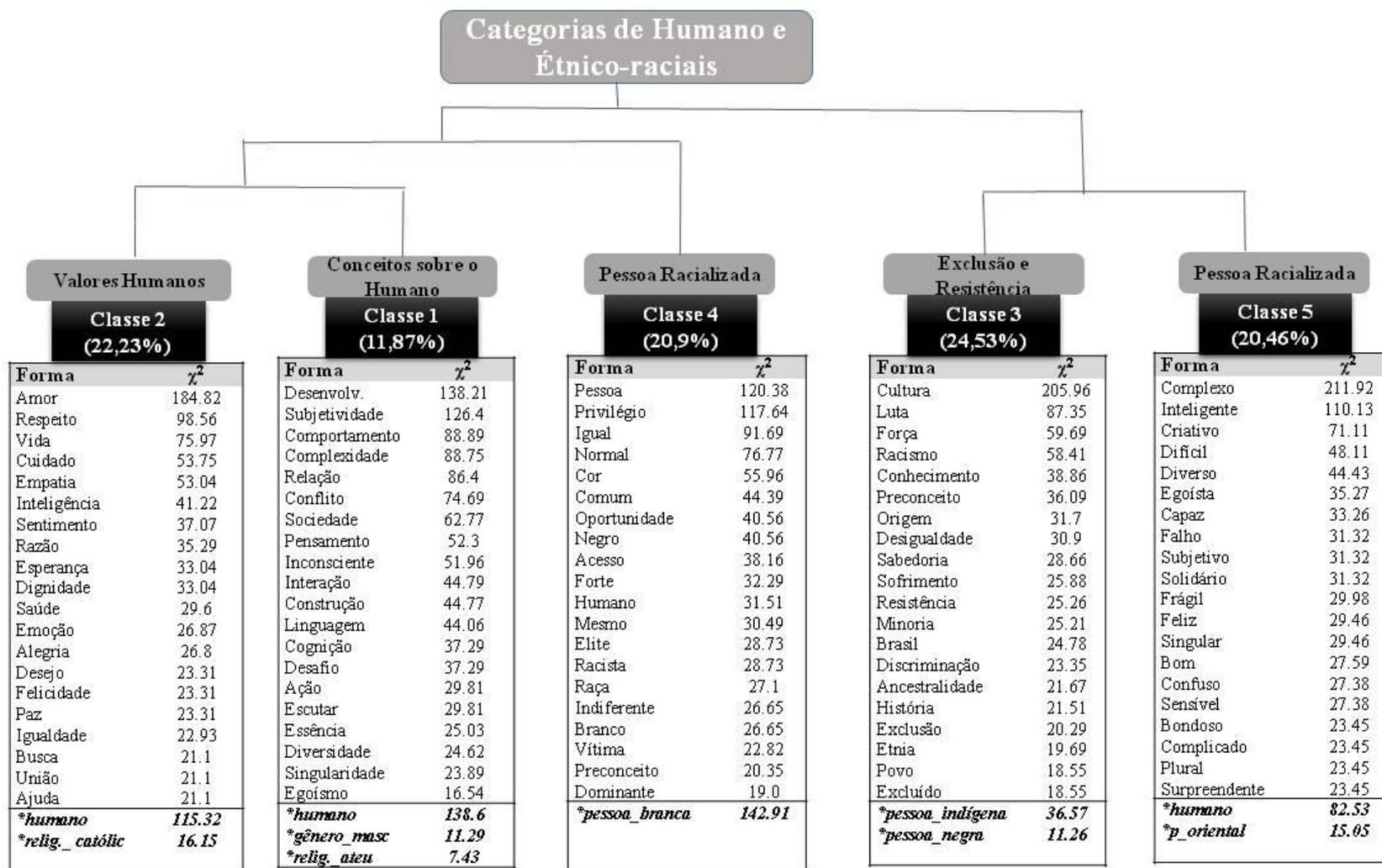
Racismo no Brasil

- Uma equação potente na manutenção e ampliação da desigualdade social.
 - Justificativa passional para a estratificação material e simbólica entre privilegiados e subordinados
- Característica quase ininteligível na manifestação do preconceito e discriminação racial estabelece as relações de poder
 - espacial e temporalmente - os domínios da vida social, política, econômica, familiar, intelectual
- Influência na constituição de identidades, relações interpessoais e reconhecimento social

Melo, C., Sousa, Y., & Santos, A. (2019). Valores cristão-católicos nas representações sociais de psicólogas(os) sobre a sua atuação profissional. **Psicologia Argumento**, v.37, n.96, p. 143-166.



Melo, C. V. G. (2019). **Atuação das/os profissionais de psicologia no tema das relações étnico-raciais.** Tese (Doutorado em Psicologia Social). Universidade de São Paulo. 369f. São Paulo.



Especificidades de “sobrerrepresentação” e “sub-representação” de crenças acerca das categorias étnico-raciais.

P_Branca	χ^2	P_Indígena	χ^2	P_Negra	χ^2	P_Oriental	χ^2
Privilégio	26	Natureza	15	Luta	11	Inteligência	27
Elite	12	Cultura	10	Força	6	Japonês	24
Oportunidade	6	Terra	9	Igual	6	Disciplina	15
Normal	6	Respeito	6			Chinês	14
		Origem	6			Cultura	13
						Diferença	7
						Sabedoria	6

P_Branca	χ^2	P_Indígena	χ^2	P_Negra	χ^2	P_Oriental	χ^2
Cultura	-11	Racismo	-5	Cultura	-8	Racismo	-4
Luta	-5	Privilégio	-4	Privilégio	-6	Igual	-3
Força	-4	Igual	-3	Sabedoria	-3	Privilégio	-3
Respeito	-4	Inteligência	-3	Natureza	-3	Social	-2
Inteligência	-4	Pessoa	-3	Elite	-3	Beleza	-2

Principais achados da pesquisa

- A influência política e filosófica cristão-católica na atuação das(os) profissionais de psicologia, como manifestado nas crenças sobre atuação e identidade profissional das(os) psicólogas. Isso resultado da própria história de institucionalização da psicologia brasileira.
- Influência cristão-católica que também pode ser notada no perfil do racismo sutil, que também pode ser identificado nas crenças das(os) psicólogas sobre as categorias étnico-raciais populares no Brasil.

Melo (2019); Melo & Santos (2019)

Interações em função do reconhecimento

Relações sociais de reconhecimento (Honneth, 2015)

Assegura o direito a integridade do ser humano na vida através das relações de confiança, de respeito e de estima social

Tais níveis de reconhecimentos constituem as identidades do “Eu”

*Quando **desrespeitado o reconhecimento**, interfere no autoconceito e autoestima pessoal e coletiva.*

Impossibilita um ambiente recíproco e uma compreensão positiva de si e para com o outro.

Reconhecimento na intersubjetividade

1º Dimensão

- **Reconhecimento afetivo** pela relação
- Amor/Amizade (Relações primárias/Dedicação emocional/Existência corporal)
- Promove uma relação prática de *confiança* e a autorrelação de *autoconfiança*

2º Dimensão

- **Reconhecimento jurídico** pelo direito
- Direitos (Relações judiciais/Normatividade e imputabilidade moral/"Outro generalizado")
- Promove uma relação prática de *respeito* e a autorrelação de *autorrespeito*

3ª Dimensão

- **Reconhecimento social** e político
- Solidariedade (Experiência/Comunidade de valores/Ética)
- Promove uma relação prática de *estima* e a autorrelação de *autoestima*

Estrutura das relações sociais de reconhecimento

Modos de reconhecimento	Dedicação emotiva	Respeito cognitivo	Estima social
Dimensões da personalidade	Natureza carencial e afetiva	Imputabilidade moral	Capacidades e propriedades
Formas de reconhecimento	Relações primárias (amor, amizade)	Relações jurídicas (direitos)	Comunidade de valores (solidariedade)
Potencial evolutivo		Generalização, materialização	Individualização, igualização
Auto-relação prática	Autoconfiança	Auto-respeito	Auto-estima
Formas de desrespeito	Maus-tratos e violação	Privação de direitos e exclusão	Degradação e ofensa
Componentes ameaçados da personalidade	Integridade física	Integridade social	“Honra”, dignidade

Formas de não-reconhecimento

(Honneth, 2015)

- Maus-tratos e Violação
 - Desrespeito afetivo (Amor e Amizade)
 - **Desrespeito a integridade corporal (Morte física e psíquica)**
- Privação de direitos e Exclusão
 - Desrespeito cognitivo (direitos)
 - **Incapacidade de formar juízo moral (Morte social)**
- Degradação e Ofensa
 - Desrespeito a estima Social (Solidariedade)
 - **Vergonha pública (Degradação cultural/Subestimação pública e política)**

Exemplos de não-reconhecimento

- Relações Primárias (Cuidado ao Corpo)
 - *Mortalidade infantil* (UFBA, 2010)
 - 37,3% brancos
 - 62,5% pretos e pardos
 - *Vítima de violência e homicídios* (Waiselfisz, 2011)
 - 2002 à 2008
 - Brancos – cai 23%
 - Pretos e pardos – cresce 13%
 - 15 à 29 anos – 77% negros

Formas de não-reconhecimento

(Honneth, 2015)

- Maus-tratos e Violação
 - Desrespeito afetivo (Amor e Amizade)
 - **Desrespeito a integridade corporal (Morte física e psíquica)**

- Privação de direitos e Exclusão
 - Desrespeito cognitivo (direitos)
 - **Incapacidade de formar juízo moral (Morte social)**

- Degradação e Ofensa
 - Desrespeito a estima Social (Solidariedade)
 - **Vergonha pública (Degradação cultural/Subestimação pública e política)**

Exemplos de não-reconhecimento

- **Relações de direitos** (Formalização para as normas sociais)
 - Ex.: Disparidades no **acesso e assistência a educação** (IBGE, 2012; UFBA, 2010)
 - Analfabetismo- 22% dos negros e 9% dos brancos
 - Ensino médio – frequência de jovens de 15 a 17 anos
 - 2001 – 24% dos negros e 49% dos brancos
 - 2011 - 45% dos negros e 60% dos brancos
 - Ensino Superior – de 18 a 25 anos
 - 2009 - 49% dos negros e 73% dos brancos
 - Ensino superior completo – com 25 anos ou mais
 - 1999 – 2,3 dos negros
 - 2008 – 4,7% dos negros e 14,7% dos brancos

Formas de não-reconhecimento

(Honneth, 2015)

- Maus-tratos e Violação
 - Desrespeito afetivo (Amor e Amizade)
 - **Desrespeito a integridade corporal (Morte física e psíquica)**
- Privação de direitos e Exclusão
 - Desrespeito cognitivo (direitos)
 - **Incapacidade de formar juízo moral (Morte social)**
- Degradação e Ofensa
 - Desrespeito à estima social, à dignidade e à honra (Solidariedade)
 - **Recusa pública e política, degradação cultural, vexação e sentimento de rebaixamento (Vergonha pública)**

Exemplos de não-reconhecimento

- **Relações de solidariedade** (subestimação pública e política)
 - Cargos de chefia (inteletual), chefiados (técnico) ou braçais (“máquina”)
 - Disparidades socioeconômicas (IBGE, 2011)
 - 10% mais pobres - 25% de brancos e 73% de negros
 - 1% mais ricos - 85% de brancos e 15% de negros
 - Representatividade política (Sardinha, 2014)

Eleições 2014	Branco	Pardos	Pretos	Amarelos	Indígenas
Presidente da República	1	-	-	-	-
Governadores	20	6	-	1	-
Senadores	22	5	-	-	-
Deputados federais	410	81	22	-	-
Deputados estaduais	776	250	29	2	2
Eleitos	1229	342	51	3	2

Como se classificam	% da população	% de eleitos
Branco	47,7	75,6
Pardos	43	21
Pretos	7,6	3,1
Amarelos	1,1	0,2
Indígenas	0,4	0,1

Exemplos de não-reconhecimento

- Relações de solidariedade (Degradação e Ofensa)
 - *Efeitos psicossociais (Souza et al., no prelo)*
 - *Preconceito (Ofensa)*
 - *Discriminação (Degradação)*
 - *Humilhação social (Resultado da “degradação e ofensa”)*

Correntes de estudos sobre o preconceito

- Estruturalistas (ahistoricista)
 - Psicologia Social Psicológica
 - Cognitivismo (processamento da informação)
 - Psicologia Social Sociológica
 - Dominação social (endogrupo vs exogrupo)
- Pós-estruturalistas ou construcionistas (historicista)
 - Psicologia Social Crítica
 - Psicologia Socio-histórica

Componentes do preconceito

- **Cognitivos:** geralmente crenças de natureza estereotipada sobre o grupo alvo do preconceito;
- **Afetivos:** sentimentos e emoções eliciadas pela presença ou mera lembrança de indivíduos do grupo alvo;
- **Conativos:** predisposições comportamentais para se comportar de uma maneira discriminatória quando se é obrigado a estabelecer contatos com membros do grupo objeto do preconceito.

Gordon Allport (1951)

Estereótipos

- São crenças socialmente compartilhadas sobre um grupo social
 - Funções de:
 - Generalizações
 - Essencializações

“Baiano é preguiçoso”

“Todo preto é ladrão”

“É preto, é pobre!”

“Loiras são burras”

“Homens não choram”

“Mulheres são barbeiras”

“Brancos são confiáveis”

Rodrigues, Assmar e Jablonski (2015) classificam as causas do preconceito em quatro pilares:

1. ao ambiente de competição e conflito;
2. papel do "bode expiatório";
3. aprendizagem social e conformidade;
4. fatores de personalidade.

Preconceito para Adorno (1965)

- Tendência fascista manifestado como autoritarismo ou traço de personalidade autoritária.
- *Autoritarismo*
 - Colocar-se em situação de dominação e/ou subordinação frente a um sujeito de autoridade por conformar-se acriticamente às normas.
 - Tal rigidez e estereotipia são motivadas para a organização e afirmação do “ego”, para dar sentido ao mundo e para a aceitação social.
- As personalidades estruturadas com traços fascistas têm características neuróticas narcisistas
 - Tendência ao sadomasoquismo - relações que se estabeleçam pela imposição do sofrimento físico ou moral

Preconceito



- Julgamento prévio e negativo para membro de determinados grupos/categorias sociais.

- Julgamento que tende ser inflexível mesmo frente a contestações.

“Não facilmente modificado por apresentação de evidência contrária”

- Percepção concebida antecipadamente aos fatos apresentados, sem ponderação ou crítica.

- *Trata-se de uma resposta afetiva com base nas emoções primárias (alegria, tristeza, raiva, medo, aversão e surpresa).*

Agir → Discriminar

- É o comportamento que cria, mantém ou reforça vantagens para alguns grupos e seus membros e desvantagem para outros, gerando desigualdades.
- São ações negativas para com o outro.
- **Tipos ou graus** de discriminação (Allport, 1979)
 - *Antilocução, Evitação, Segregação, Ataque físico e verbal, Extermínio.*

Preconceito x Discriminação

- As pessoas tendem a confundir o preconceito com a discriminação, ou ainda acreditar que essas duas categorias andem sempre juntas.
- Essa relação não é tão simbiótica quanto parece.

Preconceito

Automatismo vs Controle

Discriminação

COM VIÉS DE PRECONCEITO ALTO
&
DISCRIMINAR

SEM VIÉS DE PRECONCEITO
&
NÃO DISCRIMINAR

COM VIÉS DE PRECONCEITO,
mas
NÃO DISCRIMINAR
(Controle do automatismo)

?
SEM VIÉS DE PRECONCEITO,
mas
DISCRIMINAR
?

Preconceito

Automatismo vs Controle

Discriminação

COM VIÉS DE PRECONCEITO ALTO
&
DISCRIMINAR

SEM VIÉS DE PRECONCEITO
&
NÃO DISCRIMINAR

COM VIÉS DE PRECONCEITO,
mas
NÃO DISCRIMINAR
(Controle do automatismo)

SEM VIÉS DE PRECONCEITO,
mas
DISCRIMINAR!
(Adesão ou Coação Grupal)

Discriminação cumulativa

- A maioria dos discursos sobre a presença da discriminação (especificamente, sobre a discriminação étnico-racial) a assume como um fenômeno que ocorre em um momento e em um processo isolado individualmente.
- Contudo, Blank, Dabady e Citro (2004) afirmam que a discriminação pode ter **efeitos cumulativos de desvantagens e desigualdades**, tanto individualmente como também pelas gerações.
- Esta definição teórico-conceitual pode ajudar a compreender o caráter cumulativo e geracional das desvantagens apresentadas tanto no desrespeito ao reconhecimento social **pela degradação e ofensa**, como pela **humilhação social**.

Humilhação Social

- A humilhação é a angústia fruto dos vários golpes físicos de maus-tratos (violência material) e dos contínuos golpes morais sob a linguagem de inferiorização (violência simbólica), que está associada a um ambiente político de dominação e que age de forma crônica como sentimento de não possuir direitos e de não se ver contribuindo para uma realidade social e política.
- *É um sofrimento derivados de situações herdadas e vividas de invisibilidade pelo rebaixamento público e político. Atinge os indivíduos no tempo presente, mas já havia atingido outros indivíduos de sua ancestralidade/ascendência familiar, étnico-racial, grupal, de classe, de nação ou de povo.*
- Relação intrínseca entre *Humilhados vs Soberbos*.

Humilhação Social

- Precedido pelo sentimento de ser alvo de vigilância alheia e repressão
- *Vergonha pública* - Resulta de uma relação de não reconhecimento e produz o não autorreconhecimento pessoal e social (Honneth, 2005)
 - Relações de confiança - Autoconfiança
 - Relações de respeito - Autorrespeito
 - Relações de estima social - Autoestima

Efeitos diretos a saúde

- *A literatura epidemiológica sobre a discriminação e sobre os seus efeitos patogênicos e da neurofisiologia do estresse versa sobre as dinâmicas psicológicas em interface com as atividades dos hormônios, neurotransmissores e outras substâncias neuroquímicas que interferem nas condições de saúde para quem é alvo da discriminação e estigmatização, especialmente com o *desfecho cardiovascular da hipertensão arterial.**

Efeitos de ser alvo da discriminação

- *Saúde*

- Em resposta a estas situações estressantes, além do aumento da frequência cardíaca, há também estados emocionais negativos pela *produção hormonal crônica de cortisol*, assim como impacto no sistema imunológico. Porém, há outras patologias que estão associadas à estigmatização e à discriminação, a exemplo dos distúrbios gastrointestinais, diabetes, doenças inflamatórias pélvicas, infecções fúngicas, doenças respiratórias, miomas uterinos, câncer de mama, obesidade abdominal, distúrbios do sono, distúrbios mentais e psiquiátricos, sintomas esquizofrênicos, depressivos e de ansiedade, tabagismo e uso ou abusivo de álcool e outros tipos de drogas.

Resumindo

- *O racismo reflete sobre os reconhecimentos afetivos, do direito comum e da solidariedade ética.*
- Os desrespeitos vivenciados fazem com que, por exemplo, os negros busquem, consciente ou inconscientemente, uma identificação com a supremacia racial branca.
- O fenômeno do branqueamento e com este o sentimento de angustia e frustração pelo não autorreconhecimento neste ideal de ego branco imposto e incorporado.

O Reconhecimento social e os Efeitos psicossociais do racismo

- **Preconceito** - Elemento *afetivo* do racismo
 - Desrespeito afetivo nas relações primária
 - Ex.: Desconfiança e agressão / indicadores de homicídio
- **Discriminação** - Elemento *comportamental* do racismo
 - Desrespeito pela privação no acesso da direitos
 - Ex.: Desrespeito e Exclusão / indicadores educacionais
- **Humilhação** - Elemento *valorativo* do racismo
 - Desrespeito a estima e a uma comunidade de valores
 - Ex.: Subestimação e degradação / indicadores socioeconômicos e políticos

Benefícios

- Subsidiaria a leitura sobre as violações de direitos vivenciadas nas desigualdades das relações étnico-raciais
 - Estabelece as dimensões de violações de reconhecimentos materiais e simbólicos
 - Torna inteligível o racismo de caráter oculto e indireto
- Justifica teoricamente os fenômenos dos efeitos psicossociais gerados pelo racismo
 - Relações de confiança, autoconfiança, relações de respeito, autorrespeito, relações de estima social, autoestima, preconceito, discriminação e humilhação.

Limitações

- Por conceber o reconhecimento social através do desenvolvimento da identidade pela **individuação** do "Eu".
 - Fenômeno questionável quando a sua universalidade
 - Interpelação de uma estudante indígena *tukano da UFAM*.

O fenômeno da individualidade

- Percepção do mundo e de viver nele, produto da modernidade, é o que faz o humano moderno ser definido pelo isolamento individual do “Eu” (Dumont, 1985).
- Este humano singular e multifacetado produto do pressuposto estrutural da modernidade, é resultado do longo processo de substituição de regulação externa pela regulação interna da conduta, edificando um tipo humano uniforme e universal (Elias, 1994).
- Atributo de humanidade moldado em uma estrutura social mercantil e industrial, estabelecida pela divisão social do trabalho.

E a psicologia com isso???

Modernismo

- Principais características:
 - Presentismo (avesso a tradição e ao passado)
 - Individualismo (avesso a coletividade)
 - Consciência de *Self* pessoal vs Consciência de *Self* social
 - Modernidade/individualismo vs Tradição/coletivismo
 - Afirmação de uma humanidade “absoluta”
 - Expresso na ideia: “Somos todos iguais”
 - *Globalização* – ocidentalização do que hoje é hegemônico
 - Individualismo – capitalismo liberal influenciando a *Declaração Universal de Direitos Humanos*.

As relações étnico-raciais como objeto de trabalho e estudo

- A universalidade da individualidade como uma barreira epistemológica.
 - Cosmologias de heranças tradicionais indígenas e afrocentradas de viver, conceber e construir o mundo.
 - Tendência de apropriação de experiências por conceitos, através de um juízo sintético e universal da realidade.
- Ir além das epistemologias clássicas hegemônicas usadas nos métodos e filosofias acadêmicas.
 - perspectivas do pós-colonialismo latino-americano e africano, da perspectiva do indigenocentrismo, do movimento negro brasileiro, do feminismo negro brasileiro, do mulherismo africano, dentre outras.

Obrigado!

cvgmelo@usp.br



Contatos:

cvgmelo@usp.br